

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

ERICK GOMES DA SILVEIRA

DISPUTAS DE OPINIÃO E IMAGEM NAS ENTREVISTAS DAS ELEIÇÕES
DE 2018: JAIR BOLSONARO E MARINA SILVA NO JORNAL NACIONAL

Porto Alegre

2019

ERICK GOMES DA SILVEIRA

**DISPUTAS DE OPINIÃO E IMAGEM NAS ENTREVISTAS DAS ELEIÇÕES DE 2018:
JAIR BOLSONARO E MARINA SILVA NO JORNAL NACIONAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Helena Weber

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Gomes, Erick

Disputas de opinião e imagem nas entrevistas das Eleições de 2018: Jair Bolsonaro e Marina Silva no Jornal Nacional / Erick Gomes. -- 2019.

76 f.

Orientadora: Maria Helena Weber.

Coorientadora: Laura Guerra.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Jornal Nacional. 2. Eleições 2018. 3. Jair Bolsonaro. 4. Marina Silva. 5. Entrevista jornalística. I. Weber, Maria Helena, orient. II. Guerra, Laura, coorient. III. Título.

ERICK GOMES DA SILVEIRA

**DISPUTAS DE OPINIÃO E IMAGEM NAS ENTREVISTAS DAS ELEIÇÕES DE 2018:
JAIR BOLSONARO E MARINA SILVA NO JORNAL NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Weber

Aprovado pela banca examinadora em 5 de Julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Weber – UFRGS Orientadora

Prof^a. Ms^a. Laura Guerra – UFRGS Coorientadora

Prof^o. Dr^o. Bruno Bueno Pinto Leites – UFRGS Examinador

Prof^o. Dr^o. Flávio Antônio Camargo Porcello – UFRGS Examinador

AGRADECIMENTOS

Em um país onde mais da metade da população não possui diploma do ensino médio, quem consegue concluir um curso de ensino superior faz parte de uma parcela privilegiada da sociedade. Para muitos brasileiros, a única chance de realizar isso é através de universidades públicas. E é comum pessoas que buscam se inserir no mercado de trabalho e aprender uma profissão não conhecerem a possibilidade de realizarem uma graduação gratuita, em uma universidade que disponibiliza assistência estudantil, moradia e oportunidades de trabalho flexíveis.

O percurso em uma Universidade como a UFRGS tornou possível o crescimento do meu senso crítico e principalmente me permitiu passar por um processo de autoconhecimento. Durante o período da graduação passei por grandes dificuldades e momentos inacreditáveis, sejam bons ou ruins. Para um jovem gay, pobre, órfão e vindo do interior do estado, a UFRGS foi muito mais do que um ambiente de aprendizagem de conteúdos teóricos e práticos: foi um lugar que disponibilizou três Casas de Estudantes para que tivesse uma moradia, permitiu o acesso gratuito em seis Restaurantes Universitários para as duas principais refeições diárias, além de auxílios para comprar materiais necessários para as aulas e para pagar as passagens de ônibus.

Esses anos de Fabico me fizeram entender que o conhecimento não está só na troca entre professores e alunos em uma sala de aula, mas que pode estar presente em qualquer lugar, basta estar atento e se permitir. Iniciativas desenvolvidas por alunos e professores podem ampliar discussões para além do ambiente acadêmico e possibilitar um contato com a população. Dessa forma, tive maior consciência sobre meu lugar e minha importância política.

Dito isso, minha trajetória na Fabico só foi possível graças a UFRGS ser uma universidade pública, apesar de ter sua funcionalidade ameaçada por cortes de orçamento, atingindo primeiramente os recursos que permitem que alunos como eu continuem estudando. No entanto, o ensino público - seja nesta ou em outra universidade pública - continuará resistindo, enquanto alunos, professores e funcionários seguirem lutando e manifestando contra esses cortes e outras políticas de atraso social.

Além disso, devo agradecer ao apoio que recebi de amigos, colegas e professores, com destaque ao suporte de colegas incríveis do NUCOP (Núcleo de Pesquisa de Comunicação Pública e Política). Sou extremamente grato à orientação ímpar de minha querida professora Maria Helena

Weber, por quem tenho um grande afeto e uma admiração que transcende as portas da Universidade, e à orientação de Laura Guerra, que permitiu com que eu tivesse mais clareza sobre os caminhos para chegar a este Trabalho de Conclusão de Curso ao acompanhar de perto minhas dúvidas e inseguranças. Por fim, agradeço ao meu amigo Bruno Velicka por ter paciência de morar comigo durante grande parte da minha graduação, e à minha tia Paula Luisa Gomes que, apesar dos frequentes desentendimentos, nunca deixou de acreditar na minha capacidade.

Assim me formo e permanecerei me formando. A UFRGS me permitiu crescer muito mais do que um dia imaginei, e seguirei crescendo. O conteúdo das páginas deste trabalho marca apenas o começo de algo maior, que nunca será totalmente finalizado por mim. Aqui, deixo registrados meus primeiros passos em um longo caminho que pretendo percorrer.

Ao trajeto de pessoas LGBT - sejam representantes de qualquer uma das letras que representam esta sigla - de baixa renda, que sofrem discriminação diariamente, que veem os outros não acreditarem em seu potencial, muitas vezes fazendo com que duvidem de si mesmos: dedico esses anos de estudo e essa monografia. Para que a homofobia e a ansiedade nunca sejam capazes de nos impedir de conquistar os nossos objetivos e para que, cada vez mais, estejamos sendo representados em todos os espaços possíveis e somando forças a luta contra àqueles que querem prejudicar nossa busca por igualdade. Nosso corpo é político e podemos manifestar nossa força de diferentes formas, como a dedicação a compreensão sobre fatores que acabaram resultando na eleição de alguém que causa medo, indignação e ameaça os nossos direitos.

RESUMO

O presente trabalho empenha-se em verificar as disputas de opinião e imagem que se configuram nas entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva - candidatos à presidência nas eleições de 2018 - no telejornal Jornal Nacional, levando em conta as trajetórias dos dois presidentiáveis, a contextualização do período eleitoral e as características do programa. Com isso, a pesquisa se propõe a analisar os temas de interesse público abordados nas entrevistas, as interrupções realizadas e as estratégias dos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos na condução das conversas. Foram utilizadas como base definições como as de imagem pública, espetáculo político e suspensão da política, subsidiadas pelos estudos de Weber (2004, 2017, 2018), além de noções sobre entrevista jornalística trabalhadas por Medina (1986) e Lage (2001). Para tanto, foi feito um tensionamento sobre a construção do Jornal Nacional como o telejornal mais conhecido do país e sua capacidade de influenciar a opinião pública. Sendo assim, como subsídio a essa reflexão basilar, contamos com o suporte de Hagen (2009) e Miguel (1999). Não obstante, também foram recuperados elementos centrais para o entendimento da entrevista como gênero jornalístico e o papel de watchdog da imprensa, através de definições de Marques de Melo (2003, 2016), Schudson (2008) e Traquina (2002). Para a efetivação das análises, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo, se inspirando na semiótica para algumas observações. Os resultados encontrados, por sua vez, sinalizam o acionamento de elementos que menosprezam as capacidades políticas de Marina Silva e já pareciam prever a eleição de Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Jornal Nacional; Eleições 2018; Jair Bolsonaro; Marina Silva; Entrevista jornalística.

ABSTRACT

The present work is focused on verifying the disputes of opinion and image that are configured in the interviews of Jair Bolsonaro and Marina Silva - presidential candidates in the 2018 elections - in the *Jornal Nacional* newspaper, taking into account the trajectories of the two presidential candidates, contextualization of the electoral period and the characteristics of the program. With this, the research proposes to analyze the topics of public interest addressed in the interviews, the interruptions and the strategies of the journalists William Bonner and Renata Vasconcellos in the conduct of the conversations. Were used as the basis definitions such as Public opinion, political spectacle, and political suspension, supported by the studies of Weber (2004, 2017, 2018), as well as by notions about journalistic interview by Medina (1986) and Lage (2001). Therefore, was made a tensioning on the construction of the *Jornal Nacional* as the country's best-known television news and its ability to influence public opinion. Therefore, as a subsidy to this basic reflection, we have the support of Hagen (2009) and Miguel (1999). Nevertheless, central elements were also recovered for the understanding of interview as a journalistic genre and the role of watchdog of the press, through definitions of Marques de Melo (2003, 2016), Schudson (2008) and Traquina (2002). In order to carry out the analyzes, we used bibliographical research and content analysis as a methodology, drawing on semiotics for some observations. The results found, in turn, signal the activation of elements that underestimate the political capabilities of Marina Silva and already seemed to predict the election of Jair Bolsonaro.

Keywords: *Jornal Nacional*; 2018 Elections; Jair Bolsonaro; Marina Silva; Journalistic interview.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A CAMPANHA ELEITORAL DE 2018.....	11
2.1. CONTEXTO POLÍTICO	11
2.2. ELEIÇÕES DE 2018	13
2.3. TRAJETÓRIAS POLÍTICAS DE JAIR BOLSONARO E MARINA SILVA	15
2.3.1. JAIR BOLSONARO: CARREIRA MILITAR E CARREIRA POLÍTICA	16
2.3.2. MARINA SILVA: DO SERINGAL E SINDICALISMO À POLÍTICA	21
3. ENTREVISTAS NO JORNAL NACIONAL	26
3.1. A ENTREVISTA JORNALÍSTICA E O GÊNERO INFORMATIVO.....	26
3.2. O JORNAL NACIONAL: 50 anos no cenário jornalístico brasileiro	29
3.3. A ENTREVISTA JORNALÍSTICA NA TELEVISÃO E A SUA RELAÇÃO COM O ESPETÁCULO POLÍTICO	32
4. ENTREVISTADOR E OS ENTREVISTADOS JAIR BOLSONARO E MARINA SILVA NO JORNAL NACIONAL	34
4.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4.2. ENTREVISTAS DO JORNAL NACIONAL	35
4.2.1 A entrevista de Jair Bolsonaro	35
4.2.2 A entrevista de Marina Silva	47
4.3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	60
4.3.1. Comparação entre os temas abordados	60
4.3.2. Comparação do desenvolvimento das entrevistas e estratégias utilizadas	61
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
6. BIBLIOGRAFIA	71

1. INTRODUÇÃO

O fascínio pela cobertura jornalística no que diz respeito aos acontecimentos políticos foi a grande motivação para a construção da pesquisa sobre as entrevistas no período eleitoral. Esse processo se torna mais interessante por se tratar de uma disputa que se diferencia das anteriores por resultar na vitória de Jair Bolsonaro - candidato pelo Partido Social Liberal (PSL) -, cuja sigla não possuía muito tempo de exibição no Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita e que voltou a sua campanha para comunicação em diferentes redes sociais digitais. No entanto, a importância da participação dos presidentiáveis em programas de entrevistas jornalísticas não se alterou, sendo este ainda um espaço de visibilidade para a apresentação de projetos e debate de temas de interesse público por contarem com a mediação de jornalistas, profissionais com compromisso ético com o interesse público e a veracidade das informações.

Nessa linha, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as disputas de opinião e imagem nas entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no telejornal Jornal Nacional durante o período eleitoral de 2018. A pesquisa analisa como as conversas foram conduzidas a partir de objetivos de cada edição, identificando os temas de interesse público abordados em cada um deles e as reações dos participantes dos diálogos, através de suas semelhanças e distinções.

Os objetivos específicos do trabalho, que atuaram como norteadores do percurso de toda a pesquisa, são comparar a abordagem de temas de interesse público nas entrevistas de Marina Silva e Jair Bolsonaro; identificar os temas mencionados nas edições do programa e classificá-los; registrar as interrupções realizadas nas entrevistas; examinar os aspectos dialógicos e a linguagem não-verbal da performance dos jornalistas e presidentiáveis no Jornal Nacional; e descrever o contexto político e as trajetórias de Bolsonaro e Marina.

Para isso, a metodologia utilizada é composta pela pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo (MARCONI; LAKATOS, 2009). A primeira é relacionada com a recuperação de contribuições teóricas relacionadas à pesquisa a partir das abordagens de autores como Nilson Lage (2001) e Maria Helena Weber (2004, 2017). Já a análise de conteúdo corresponde ao processo de descrição das entrevistas selecionadas e compreensão da incidência de temas de interesse público tratados nelas, respectivamente. Inspira-se também nas contribuições da semiótica, utilizadas pelo entendimento de que as vestimentas e os aspectos da comunicação não-verbal influenciam na imagem pública dos candidatos.

Este trabalho é norteado por três concepções teóricas, sendo elas imagem pública (WEBER, 2004), espetáculo (JASPERS *apud* MELO, 2010; WEBER, 2017) e entrevista jornalística (LAGE, 2001).

É escolhido trabalhar com uma mídia televisiva pelo fato do meio audiovisual englobar elementos imagéticos para o estudo, ao mostrar ações e características físicas dos jornalistas e dos candidatos. A seleção do programa analisado foi realizada levando em consideração a escolha editorial do telejornal em abrir mão de parte de sua programação noticiosa usual para realizar entrevistas com os principais presidenciáveis, sendo um dos programas jornalísticos de maior audiência no Brasil.

O Jornal Nacional é um dos mais conhecidos telejornais brasileiros, completando 50 anos de exibição pela Rede Globo, e desde 2002 cede o espaço da cobertura de notícias para entrevistar os principais candidatos à presidência nos anos eleitorais, feita pelos seus âncoras em 30 minutos.

Os dois candidatos foram escolhidos pelo fato das pesquisas de intenções de votos para presidência realizadas pelo Instituto Datafolha mostrarem uma queda contínua da porcentagem de possíveis eleitores de Marina Silva - que chegou a aparecer em primeiro lugar nas primeiras simulações feitas sem considerar a candidatura do ex-presidente Lula -, enquanto as intenções de votos para o atual presidente Jair Bolsonaro tiveram um aumento crescente. Ambos contavam com aparições diárias de poucos segundos no Horário Eleitoral de Propaganda Gratuita, o que simboliza uma visibilidade muito menor do que a de alguns outros candidatos. Os presidenciáveis Marina e Bolsonaro entraram na política no ano de 1988, quando foram eleitos vereadores pelas cidades de Rio Branco e Rio de Janeiro, respectivamente.

Além disso, eles se diferenciam em personalidade, trajetórias e características físicas, sendo Marina uma mulher negra, rio-branquense, candidata à presidência pela terceira vez consecutiva - sendo a única candidata mulher que obteve uma votação expressiva nas eleições de 2018 -; e Bolsonaro um homem branco, glicerense, candidato à presidência pela primeira vez. Suas distinções estão evidentes também em seus posicionamentos e as principais causas defendidas pelos dois: enquanto Marina é conhecida pela defesa das causas ambientais, Bolsonaro se tornou conhecido pelas declarações polêmicas que manifestou ao longo dos 28 anos que foi deputado federal do Estado do Rio de Janeiro.

Para que a validade da pesquisa seja compreendida, é relevante contextualizar o período eleitoral de 2018, apresentando os fatos que culminaram na crise política, que resultou no

enfraquecimento do Partido dos Trabalhadores (PT) - eleito nas últimas quatro disputas eleitorais - e causou um fortalecimento de novas forças políticas, apresentando inicialmente um cenário incerto de quem venceria esse pleito. Entre os acontecimentos cabe destacar o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2018 - sendo ele o pré-candidato à presidência que liderava as pesquisas eleitorais antes da oficialização de Fernando Haddad como candidato do PT -, as manifestações populares à favor e contra o impeachment (de 2014 a 2016) e à candidatura de Jair Bolsonaro (em 2018), além da série de investigações realizadas pela Polícia Federal de esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro envolvendo políticos de diversos partidos do Brasil, conhecida como Operação Lava Jato.

A análise da história e trajetória política de Jair Bolsonaro e Marina Silva é um ponto relevante deste trabalho, por permitir identificar as diferenças dos atores políticos no que diz respeito às suas origens, causas defendidas e atuações na vida pública. Nesse quesito, são ressaltadas questões como Bolsonaro possuir formação militar e ter sido reeleito sete vezes deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, e Marina iniciar sua participação no movimento sindical quando trabalhava como professora e ter se candidatado à presidência pela terceira vez nas últimas eleições.

A descrição das entrevistas nas edições do Jornal Nacional constitui outra parte importante desta pesquisa, por detalhar os cenários, apresentar os entrevistadores que participarão dos debates e as vestimentas dos envolvidos nas entrevistas, características essenciais para a análise da atração. Além disso, é a partir desse processo que são identificadas as interrupções entre candidatos e jornalistas e as intenções das escolhas editoriais das formas como as conversas são conduzidas. Essas características serão relacionadas com sua função de informar temas de interesse público.

Nessa perspectiva, o presente trabalho se divide em cinco capítulos, sendo o primeiro essa introdução. Em um segundo momento é retomado o contexto da campanha eleitoral de 2018, com a descrição dos acontecimentos que levaram à crise política, além dos atores e resultados da disputa presidencial. Nessa etapa também são apresentadas as origens e trajetórias políticas de Jair Bolsonaro e Marina Silva, levantando informações de suas criações e suas experiências anteriores na vida pública.

No terceiro capítulo, são articulados conceitos para subsidiar as análises das entrevistas, além de serem descritas as características do Jornal Nacional. A recapitulação das funções do

jornalismo e as noções de entrevista jornalística se fazem presente, tendo como balizadores autores como José Marques de Melo (2003), Cremilda Medina (1986), Nelson Lage (2001), Nelson Traquina (2002) e Michael Schudson (2008). No relato sobre o telejornal são mobilizadas reflexões promovidas por Luis Felipe Miguel (1999) e Sean Hagen (2009). São apresentados conceitos para subsidiar as análises das entrevistas, que versam sobre a espetacularização do jornalismo e da política, usando como base as contribuições de Jaspers (1998) e Weber, Luz e Barreras (2018).

O quarto capítulo, por sua vez, apresenta o objeto empírico, assim como os procedimentos de análise, seguidos pela própria análise, onde é crucial a utilização da divisão de temas de interesse público estabelecida por Weber (2017). As duas entrevistas são descritas criticamente, com atenção para interrupções, exaltações e procedimentos relacionados aos diálogos. Nesta etapa são divididos em uma tabela os assuntos dos debates do programa jornalístico englobando os dois candidatos em cada uma, que são classificados em temas de interesse público políticos, vitais e sensíveis. É realizada também a comparação entre as conversas dos candidatos Marina e Bolsonaro em uma mesma atração, utilizando uma tabela que destaca as interrupções realizadas. Para finalizar, na quinta e última etapa, são apresentadas as considerações finais pertinentes a todo o estudo realizado.

2. O PERÍODO DE CAMPANHA ELEITORAL DE 2018

Este capítulo trata da disputa eleitoral para presidência do país em 2018, na qual Marina Silva e Jair Bolsonaro foram dois dos candidatos. Por se tratar de um tema muito recente, apresenta-se um esforço de destacar pontos mais relevantes sobre a crise política, tomando como ponto de partida o resultado das eleições de 2014. Esta contextualização é importante, no sentido que os acontecimentos influenciam questionamentos realizados aos dois candidatos no Jornal Nacional.

2.1. CONTEXTO POLÍTICO

Neste trabalho, foi escolhido iniciar a contextualização do cenário político a partir das eleições de 2014, tendo como base a dissertação de mestrado *Redes de atores e argumentos no debate público sobre o afastamento provisório de Dilma Rousseff*, de Andrade (2019) e verbetes do site *Wikipédia*. Esse período foi escolhido pela sua dimensão pública que, de acordo com a definição de acontecimento feita pelo sociólogo Quéré (2005, 2012) recuperada por França (2012), “rompe o esperado, a normalidade, quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente” (FRANÇA, 2012, p. 13).

Em 26 de outubro de 2014 foi realizado o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, o que resultou na reeleição de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), em disputa com o senador mineiro Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), sendo a votação mais acirrada para o cargo dos últimos 20 anos no país. Andrade (2019) recupera informações sobre o período da campanha presidencial, destacando o seu caráter conturbado, pelo quadro dos candidatos à presidência se alterar após o falecimento trágico de Eduardo Campos (PSB), o que levou à candidatura a sua vice-presidente, Marina Silva (PSB).

Além disso, o período foi marcado pela Operação Lava Jato - série de ações da Polícia Federal que investigava o envolvimento de políticos de alguns partidos (PP, PT, PSDB, PMDB, PTB e SD) do Brasil em esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro - e de desvio de recursos da Petrobrás. A Lava Jato teve impacto direto na política do país, à medida que alguns ministros e aliados do governo Dilma - e, posteriormente, do governo Temer - viraram alvos das investigações.

Em 15 de março de 2016, o juiz federal Sérgio Moro - responsável pelo processo de Luiz Inácio Lula da Silva na Lava Jato - divulga conversas telefônicas entre Dilma e o ex-presidente, onde falavam sobre a posse dele como Ministro-Chefe da Casa Civil, o que gerou dúvidas sobre a real intenção da nomeação, sugerindo que a presidente estava tentando obstruir a justiça, pois caso Lula se tornasse ministro, ele teria foro especial por prerrogativa de função e não poderia mais ser julgado em primeira instância. O ex-presidente estava sendo investigado sobre o recebimento de vantagens indevidas do esquema de corrupção que envolvia a Petrobras, e a suposta omissão para as autoridades sobre a posse de um apartamento triplex em Guarujá (SP) e de um sítio em Atibaia (SP). Dois dias depois, Lula tomou posse do cargo, sendo esse um dos fatores que agravou a crise política. Em decisão, proferida em ação apresentada pelos partidos PSDB e PPS, o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu a nomeação do ex-presidente ao cargo. Na decisão, o ministro afirmou ter visto intenção de Lula em fraudar as investigações sobre ele na Operação Lava Jato.

Com isso, aumentaram os riscos do processo de impeachment de Dilma - iniciado em 2 de dezembro de 2015, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, de uma denúncia por crime de responsabilidade oferecida pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal - ser levado até o fim. Os argumentos levantados para o processo foram: de que a presidente não agiu como deveria para punir as irregularidades na Petrobrás e foi omissa sobre a compra da refinaria de Pasadena; que Dilma havia editado uma série de decretos que resultaram na abertura de créditos suplementares, sem a autorização do Congresso Nacional, no valor de 18,4 bilhões de reais; e a realização de pedaladas fiscais¹, onde o governo não estava pagando os bancos responsáveis pelos financiamentos de programas sociais.

Após seis dias de julgamento no Senado, contando-se um total de sete votações desde 11 de abril de 2016, o plenário condenou Dilma Rousseff à perda de seu cargo, por 61 votos a 20, no dia 31 de agosto do mesmo ano. Houve uma segunda votação para decidir se Dilma deveria perder seus direitos políticos, o que resultou no mantimento dos direitos, podendo se candidatar a cargos públicos. O impeachment de Dilma Rousseff foi o principal tema de interesse público de 2016 no Brasil. Além da intensa repercussão midiática, a temática também foi apropriada pela narrativa

¹ Termo utilizado para descrever uma manobra do Governo Federal que passava a impressão de que ele arrecadava mais do que gastava, quando na realidade acontecia o contrário.

científica em artigos, teses e dissertações em diferentes áreas do conhecimento. Destaca-se aqui alguns trabalhos, principalmente na interface entre Comunicação e Política, como é o caso de Becker (2016), Tavares, Berger e Vaz (2016), Rizzotto, Prudencio e Sampaio (2017), Passos e Batista (2018), e Marques, Mont'Alverne e Mitozo (2018).

Com o afastamento de Dilma, o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência do país. Sua gestão foi marcada pela divulgação das investigações da Operação Lava Jato, que envolviam Temer e aliados do seu governo, e por propostas de reformas políticas impopulares - como reformas nas leis trabalhistas e da previdência social -, o que resultou em uma greve geral no país, no dia 28 de abril de 2017, com adesão de aproximadamente 40 milhões de pessoas.

No dia 5 de abril de 2018, o juiz federal Sérgio Moro decretou a prisão do ex-presidente Lula, posteriormente condenado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) a 12 anos e um mês de reclusão. Por conta da dignidade do cargo, o ex-presidente foi encaminhado a uma sala reservada na Superintendência da Polícia Federal (PF), onde ficou separado dos demais presos.

Esses fatos levaram a incertezas na economia do país, afastando investimentos, além de gerar um aumento da polarização política e de um apolitismo, e impulsionar uma mudança no quadro ideológico de grande parte da população, com o surgimento de novos movimentos liberais e conservadores ligados às ideias de direita. Ocorreram também mudanças em partidos políticos, como as alterações de nomes de alguns deles, como o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e o Podemos (PODE), anteriormente chamados de Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido Trabalhista Nacional (PTN), respectivamente.

2.2. ELEIÇÕES DE 2018

O período eleitoral de 2018 começou em 20 de julho, data que iniciou o período para a realização das convenções partidárias. As coligações tiveram até o dia 15 de agosto para registrar suas candidaturas e, no dia seguinte, se iniciou o período da campanha do primeiro turno, com duração até 6 de outubro. Do dia 31 de agosto até 4 de outubro foi transmitido o horário eleitoral em rádios e televisões, com dois blocos diários de 12 minutos e meio cada.

Para a definição do tempo no horário eleitoral para cada candidato, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) usou um cálculo no qual 10 por cento desse tempo era dividido igualmente entre todos os candidatos e os demais 90 por cento de acordo com a bancada de deputados federais eleita

em 2014. Foi estipulado como prazo limite para a Justiça julgar os registros de candidaturas e suas possíveis substituições o dia 17 de setembro.

Concorreram ao cargo de presidente do país na eleição de 2018 os seguintes candidatos: Álvaro Dias, pela coligação “Mudança de Verdade” (PODE, PRP, PSC e PTC), com Paulo Rabello como vice; Cabo Daciolo, pelo Patriota (PATRI), com Suelene Balduino como vice; Ciro Gomes, pela coligação “Brasil Soberano” (PDT, AVANTE), com Kátia Abreu como vice; Fernando Haddad, pela coligação “O Povo Feliz de Novo” (PT, PCdoB, PROS), com Manuela D’Ávila como vice; Geraldo Alckmin, pela coligação “Para Unir o Brasil” (PSDB, PP, PTB, PSD, PRB, PR, DEM, SD e PPS), com Ana Amélia Lemos como vice; Guilherme Boulos, pela coligação “Vamos Sem Medo de Mudar o Brasil” (PSOL e PCB), com Sônia Guajajara como vice; Henrique Meirelles, pela coligação “Essa é a solução” (MDB e PHS), com Germano Rigotto como vice; Jair Bolsonaro, pela coligação “Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos” (PSL e PRTB), com Hamilton Mourão como vice; João Amoêdo, pelo Partido Novo (NOVO), com Christian Lohbauer como vice; João Goulart Filho, pelo Partido Pátria Livre (PPL), com Léo Alves como vice; José Maria Eymael, pelo Democracia Cristã (DC), com Helvio Costa como vice; Marina Silva, pela coligação “Unidos para transformar o Brasil” (REDE e PV), com Eduardo Jorge como vice; e Vera Lúcia, pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), com Hertz Dias como vice. A candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, pela coligação “O Povo Feliz de Novo” (PT, PCdoB, PROS), foi indeferida pelo plenário do Tribunal Superior Eleitoral por não enquadrar-se na Lei da Ficha Limpa, sendo substituída pela candidatura da coligação mencionada anteriormente.

A primeira pesquisa de intenção de votos para presidenciais realizada pelo instituto Datafolha, nos dias 20 e 21 de agosto², apontava Luiz Inácio Lula da Silva com a maior porcentagem de intenção de votos (39%), seguido por Jair Bolsonaro (19%) e Marina Silva (8%). Em um cenário com Fernando Haddad como candidato do PT, Bolsonaro liderava com 22%, seguido de Marina, com 16%. Após a formalização da substituição de Lula por Haddad como candidato do PT a presidente, as pesquisas de intenções de voto do instituto mostraram um crescimento gradual da porcentagem de intenção de votos de Bolsonaro e uma queda nos índices sobre Marina Silva, sendo que a última delas - realizada nos dias 5 e 6 de outubro³ - apontava o

² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/lula-chega-a-39-aponta-datafolha-sem-ele-bolsonaro-lidera.shtml>>.

³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/06/datafolha-para-presidente-votos-validos-bolsonaro-40-haddad-25-ciro-15-alckmin-8.ghtml>>.

candidato do PSL em primeiro lugar, com 36%, enquanto a candidata do REDE aparecia em quinto lugar, com 3%.

A votação para o primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 foi realizada no dia 7 de outubro, resultando na confirmação do segundo turno entre os candidatos Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), que obtiveram 46,03% e 29,28% dos votos válidos, respectivamente. Marina Silva (REDE), foi a oitava candidata com maior porcentagem de votos, com 1%, seu pior desempenho entre as três vezes que disputou a presidência do país. O segundo turno das eleições presidenciais foi realizado no dia 28 de outubro, resultando na vitória de Bolsonaro, com 55,13% dos votos válidos, contra Haddad, com 44,87%.

2.3. AS TRAJETÓRIAS POLÍTICAS DE JAIR BOLSONARO E DE MARINA SILVA

Serão abordadas a seguir as trajetórias políticas de Jair Bolsonaro e Marina Silva, bem como a sua origem, sendo os dois candidatos participantes da análise principal deste trabalho. Antes disso, se torna essencial entender o que é imagem pública e como ela se forma. Weber (2004) vai se referir ao termo como imagens construídas na relação entre sujeitos e a mídia:

Trata-se das imagens geradas na esfera da “política estetizada”, onde sujeitos e instituições se comparam e são comparados, em complexas instâncias: de visibilidade, opacidade e ocultamento, mostrados em espelhos midiáticos; da crítica e das paixões dos espectadores; de opiniões expressas pela “entidade” opinião pública, por formadores de opinião e manifestações da sociedade. Estes são lugares de confirmação e suspeição, pois servem de balizas à formação da opinião pública e à (des) construção da imagem pública. Estes espaços provocam mudanças e adaptações no processo de construção entre a imagem desejada (pela política) e a imagem percebida (pelos espectadores). (WEBER, 2004, p. 260).

A partir das definições de Weber (2004), pode-se entender que a imagem pública de políticos incide a partir de suas aparições na esfera pública. No caso específico deste trabalho, por mais que os candidatos tentem ser associados com determinadas características, ao participarem de um programa de televisão suas ações são transmitidas pela mídia, possibilitando que a imagem pública percebida pelos espectadores esteja em acordo ou desacordo com suas intenções. Dessa forma, se torna interessante apresentar o significado de Imagem Pública antes de adentrar nas trajetórias dos dois candidatos, como forma de salientar a percepção de características dos

candidatos - que serão apresentadas neste capítulo – as quais os atores políticos buscam associar a sua imagem.

2.3.1. JAIR BOLSONARO: CARREIRA MILITAR E CARREIRA POLÍTICA

A primeira etapa da sua história podemos denominar “ **Do início de sua carreira militar à sua prisão**”, onde são recuperadas informações sobre a origem e carreira militar de Bolsonaro.

Jair Messias Bolsonaro nasceu no dia 21 de março de 1955, na cidade de Glicério, localizada no noroeste do estado de São Paulo. O nome Jair foi escolhido após sugestão de um vizinho, em homenagem a Jair Rosa Pinto, jogador de futebol do Palmeiras que fazia aniversário naquele dia, time pelo qual o pai do político - Percy Geraldo Bolsonaro - torcia. Sua mãe, Olinda Bonturi, após uma gravidez complicada, atribuía a Deus o milagre do nascimento do filho, pensando em dar o nome de Messias Bolsonaro.

Bolsonaro é descendente de imigrantes italianos e alemães, e foi casado três vezes: a primeira esposa foi Rogéria Nantes Nunes Braga, com quem teve três filhos - Flávio, Carlos e Eduardo; casou-se novamente com Ana Cristina Valle, com quem teve um filho, Renan; e em 2007 conheceu sua atual esposa, Michelle de Paula Firmo Reinaldo, com quem teve sua primeira filha, Laura. Bolsonaro é católico, e afirma ter frequentado a Igreja Batista por 10 anos. Em 2016, foi batizado no rio Jordão por um pastor evangélico da Assembleia de Deus.

O político se interessou pelo Exército com 15 anos e aos 18 entrou para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), mudando alguns meses depois para a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde se formou em 1977. Após isso, serviu no 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista em Deodoro, bairro do Rio de Janeiro. Em 1986, Bolsonaro foi preso por quinze dias após escrever, na seção "Ponto de Vista" da revista Veja um artigo sobre os baixos salários pagos aos cadetes da AMAN, no dia 3 de setembro, sendo absolvido pelo Superior Tribunal Militar (STM) dois anos depois. Essa foi a primeira vez que o político apareceu nas páginas da revista⁴. No ano seguinte, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

⁴ ReVEJA Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986/>>.

Imagem 1 – Texto de Jair Bolsonaro em 03/09/1968

Ponto de Vista

O salário está baixo

Capitão Jair Messias Bolsonaro



Descontentes e sem perspectivas, os cadetes estão abandonando a Academia das Agulhas Negras

Há poucos dias a imprensa divulgou o desligamento de dezenas de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras por homossexualismo, consumo de drogas e uma suposta falta de vocação para a carreira. Em nome da verdade, é preciso esclarecer que, embora tenham ocorrido efetivamente casos resoluídos envolvendo a prática do homossexualismo, consumo de drogas e mesmo indisciplina, o motivo de fundo é outro. Mais de 90% das evasões se devem devido à chef. financeira que assola a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro. Uma crise e uma falta de perspectiva profissional cujos reflexos se desdobram já atingem a Academia das Agulhas Negras, celestino histórico da oficialidade da força terrestre — que hoje se encontra ameaçada.

É de conhecimento de todos que o funcionamento público vem sofrendo muito nos últimos anos. Já no subterfúgio da concessão da semestralidade, a inflação anual referente a 1963 foi dividida: uma parte do reajuste foi concedida em 1.º de janeiro de 1964 e a outra em 1.º de julho do mesmo ano. Esta última data serviu de base da nova referência para os reajustes seguintes. Com isso, a inflação do primeiro semestre de 1964 foi simplesmente considerada absorvida — ou zerada — para os funcionários públicos. Agora, na Nova República, novamente sofreu uma grande perda salarial: a maioria dos trabalhadores, através de lutas sindicais que nos são extremamente proibidas, gozava de aumentos, irrisórios, é verdade, mas outros ganhos que foram incorporados aos salários. Como não tinhamos esse privilégio, perdemos novamente o equivalente a três meses de inflação na época em que ela corria consideravelmente e poder aquisitivo da população. Curiosamente, a repositiva que nos foi negada beneficiou a quase totalidade dos funcionários das empresas estatais.

Como capitão do Exército brasileiro, da Silva, sou obrigado pela minha consciência a confessar que a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos. Uma rápida passada de olhos na tabela de salários do contingente que inclui de terceiro-sargento a capitães demonstra, por exemplo, que um capitão com oito a nove anos de permanência no posto recebe — incluindo soldo, quinquênio, habitação militar, indenização de roupa, representação e moradia, desonras do fundo de saúde e a pensão militar — cerca de R\$ 433 cruzeiros por mês. Um terceiro-sargento, com o mesmo tempo de permanência e os mesmos adicionais, não passa de R\$ 134 cruzeiros. Estes números, aliás, pertencem a um universo salarial cuja mobilidade — ou perspectiva de ascensão profissional e hierárquica — pode ser medida com dois exemplos: um sargento, para atingir a faixa salarial de um aspirante a oficial, deve ter no mínimo 24 anos de serviço. E um aspirante a oficial, para chegar a major, deve necessariamente ter, no mínimo, quinze anos de quarenta, contados a partir da data de sua declaração a aspirante.

Este quadro é a causa sem retóricas da evasão, até agora, de mais de oitenta cadetes do AMAN. Eles solicitaram desligamento. Não foram expulsos, como sugere o noticiário. Afinal, um homem que dedica os melhores anos de sua vida à carreira militar, enfrentando, no corpo da tropa, um ritmo de trabalho não inferior a 48 horas semanais, com serviços aos sábados, domingos e feriados, instruções noturnas, marchas, acampamentos e outras atividades típicas da vida dos quartéis, não pode simplesmente pensar em patriotismo — como querem muitos — quando não pode sequer sonhar em constituir condignamente uma família.

Nas constantes transferências a que somos submetidos, para os mais distantes pontos do Brasil, sempre estamos sujeitos a alguma insubstancial. Com exceção de Brasília, raras são as unidades que oferecem residência a oficiais e sargentos. Como o aluguel, no mercado, quase nunca é inferior a 3 000 cruzeiros, um capitão casado se vê diante da sombra da catástrofe quando planeja seu orçamento familiar. Com cerca de 60% do salário comprometido apenas com a moradia, restam-lhe 4 500 cruzeiros para educação dos filhos, alimentação, transporte, lazer, vestuário, larvalmente etc. Isso é deprimente para um oficial que tem curso superior e, quase sempre, vários cursos militares.

Não fletimo aumento salarial. Reclamamos — como faziam, se pudessem, meus colegas — um vencimento digno da confiança que meus superiores depositam em mim. Muitos reclamam da não tributação da imposto de renda sobre os vencimentos brutos dos oficiais e sargentos. Ora, se isso ocorrer, departaríamos com a inconcebível circunstância de um aspirante a oficial do Exército — homem de elite e chefe de unidade de carreira — ter que sobreviver com menos de 5 000 cruzeiros mensais. Um salário inferior ao de muitos técnicos e funcionários sem qualificação de muita estatura, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Petrobrás.

Tomo público este depoimento para que o povo brasileiro saiba a verdade sobre o que está ocorrendo na massa de profissionais preparados para defendê-lo. Como o risco de ver minha carreira de dever militar seriamente ameaçada, mas a imposição da crise e da falta de perspectiva que enfrentamos é maior. Sou um cidadão brasileiro cumpridor dos meus deveres, patriota e portador de uma excelente folha de serviços. Apesar disso, não consigo sonhar com as possibilidades mínimas que uma pessoa do meu nível cultural e social poderia almejar. Amo o Brasil e não sou de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo.

Jair Messias Bolsonaro é capitão de artilharia do 8.º Grupo de Artilharia de Campanha, para-quedista, 31 anos, casado e pai de três filhos.

154

VEJA, 3 DE SETEMBRO, 1968

Fonte e foto: Acervo VEJA.

No dia 27 de outubro do mesmo ano, Jair Bolsonaro informou a uma repórter da revista Veja sobre a operação "Beco Sem Saída", que teria como objetivo explodir bombas de baixa potência em banheiros de alguns quartéis militares com o objetivo de protestar contra o baixo salário que os militares recebiam na época. A revista entregou o material ao Ministro do Exército, que concluiu que a reportagem estava correta e que os capitães haviam mentido. Em 19 de abril de 1988, o Conselho de Justificação Militar (CJM) considerou que Bolsonaro era culpado e que fosse declarada a sua perda de posto e patente. O caso foi entregue ao Superior Tribunal Militar (STM), que em junho do mesmo ano o absolveu, mantendo-o nos quadros do Exército. Ainda em 1988, Bolsonaro foi para a reserva, com a patente de capitão, e no mesmo ano iniciou sua carreira política, concorrendo a vereador do Rio de Janeiro.

A segunda etapa da trajetória de Bolsonaro é a sua **carreira política: Da vereança à presidência**. Serão recuperadas informações sobre seus mandatos anteriores como vereador e deputado, compreendendo também o período em que participou das eleições presidenciais de 2018.

Em 1988, Bolsonaro foi eleito vereador pela cidade do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC), iniciando sua carreira na vida pública. Assumiu o mandato no ano seguinte, ficando no cargo por apenas dois anos, onde apresentou sete projetos de lei, voltados principalmente às causas militares. Em 1990, elegeu-se deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro pela primeira vez, também pelo PDC, sendo reeleito em todas as eleições até 2014, onde foi o candidato mais votado ao cargo no estado, com 464572 votos. Ao longo de 28 anos como deputado federal, foi filiado a outros oito partidos: PPR, PPB, PTB, PFL, PP, PSC e o PSL. Segundo a Agência Lupa, Bolsonaro apresentou 172 projetos como parlamentar, sendo 162 destes Projetos de Lei (PL), um Projeto de Lei Complementar (PLC) e cinco Propostas de Emenda à Constituição (PEC). O deputado conseguiu aprovar dois projetos de lei e uma emenda: uma PEC que prevê emissão de recibos junto ao voto nas urnas eletrônicas; uma proposta que estende o benefício de isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para bens de informática e outra que autoriza o uso da fosfoetanolamina, substância que ficou conhecida no Brasil como "pílula do câncer" e que testes demonstraram não ter qualquer efeito contra a doença.

Em 2018, Bolsonaro candidatou-se à presidência da república pelo Partido Social Liberal (PSL), com o General Hamilton Mourão do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) como seu vice, na coligação "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Foi o primeiro candidato à presidência a alcançar o valor de um milhão de reais em doações para campanha eleitoral por meio do financiamento coletivo, após 59 dias do início da campanha de arrecadação. No Instagram, uma das redes sociais utilizadas por Bolsonaro, tanto durante a sua campanha eleitoral quanto ao longo de sua vida pública, ele se intitula "Capitão Paraquedista do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativa do Brasil"⁵, possuindo 11,5 milhões de seguidores.

⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/?hl=pt-br>>.

Imagem 2 - Bolsonaro discursando no plenário da Câmara em 2010



Foto: Câmara dos Deputados. Fonte: BBC Brasil.

No dia 6 de setembro de 2018, Bolsonaro foi vítima de um ataque a faca durante uma campanha em Juiz de Fora, Minas Gerais, sendo atingido no abdômen e necessitando passar por um procedimento de laparotomia exploratória na Santa Casa de Misericórdia da cidade. Adélio Bispo de Oliveira foi identificado como o autor do crime e posteriormente preso. O alto grau de complexidade da cirurgia à qual o político foi submetido o impossibilitou de continuar sua campanha nas eleições de 2018 da forma tradicional, por conta do tempo mínimo de um a dois meses de recuperação, prosseguindo com sua campanha política concedendo entrevistas e fazendo publicações em suas redes sociais. No entanto, o candidato já havia manifestado antes do acidente de que não havia muito interesse em participar de algumas entrevistas e debates televisivos.

**Imagem 3 - Bolsonaro após receber uma facada durante a campanha em Juiz de Fora
(MG)**



Fonte e foto: Raysa Leite/AFP⁶.

Em 29 de setembro de 2018, usando a hashtag #EleNão, um movimento iniciado nas redes sociais por mulheres contrárias às propostas do candidato reuniu expressivas manifestações de rua durante a campanha presidencial de 2018. As manifestações contaram com cerca de 500 mil pessoas, segundo os organizadores do evento, e aconteceram em mais de 160 cidades de todos os estados do país e também em cidades como Nova Iorque, Barcelona, Berlim, Lisboa e Paris. No dia 30 de setembro, foram organizados atos de apoio ao candidato. Em 21 de outubro os movimentos Brasil Livre e Vem Pra Rua também organizaram atos contra o Partido do Trabalhadores (PT) em todo o Brasil.

No primeiro turno da eleição, que ocorreu no dia 7 de outubro, obteve 49276990 votos, o que corresponde a 46,03% dos votos válidos, sendo o mais votado do turno. Como nenhum candidato atingiu 50% dos votos válidos, o Tribunal Superior Eleitoral convocou o segundo turno da eleição, disputado entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad do PT. Jair Bolsonaro foi o candidato mais votado no primeiro turno da eleição da história, superando o recorde anterior de Dilma Rousseff em 2010, quando obteve cerca de 47 milhões de votos no primeiro turno. No dia 28 de outubro sucedeu-se o segundo turno da eleição, e Jair Bolsonaro confirmou o resultado do primeiro turno, obtendo 57797847 de votos (55,13% dos votos válidos), elegendo-se o 38º presidente da República no Brasil. Bolsonaro interrompeu o ciclo de quatro vitórias consecutivas do Partido dos

⁶ Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/06-09-2018/jair-bolsonaro-e-vitima-de-atentado-em-juiz-de-fora.html>>.

Trabalhadores, que se repetia desde 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva venceu a eleição presidencial daquele ano.

2.3.2. MARINA SILVA: DO SERINGAL E SINDICALISMO À POLÍTICA

A primeira etapa da vida de Marina Silva pode ser denominada **“Do seringal de Breu Velho ao movimento sindical do Acre”**. Nela são evidenciados aspectos sobre a sua origem e atuação como sindicalista.

Maria Osmarina da Silva Vaz de Lima nasceu no dia 8 de fevereiro de 1958, na localidade de Breu Velho, em Rio Branco - capital do estado do Acre. É filha do seringueiro cearense Pedro Augusto da Silva e da dona de casa Maria Augusta da Silva. O nome Marina, originado de um apelido dado por uma tia, foi acrescentado por ocasião da eleição de 1986, quando os candidatos ainda não podiam usar alcunhas nos nomes oficiais. Seus pais tiveram onze filhos, dos quais oito sobreviveram.

Quando Marina tinha quinze anos, sua mãe faleceu vítima de inúmeras doenças adquiridas pela falta de infraestrutura no local onde viviam, mudando-se em seguida para a zona urbana de Rio Branco, para tratar da hepatite. Em 1974, recebeu os cuidados do então bispo do Acre, Dom Moacyr Grechi, que a acolheu na casa das irmãs Servas de Maria. Seu primeiro trabalho foi de empregada doméstica, abandonando seu plano inicial de ser freira.

Aos dezesseis anos, Marina foi matriculada no Mobral, projeto de alfabetização do regime militar. Após concluir sua alfabetização, cursou História na Universidade Federal do Acre, formando-se em 1984. Alguns anos depois, fez especializações em teoria psicanalítica na Universidade de Brasília (UnB) e em psicopedagogia na Universidade Católica de Brasília (UCB).

Em 1980 casou-se pela primeira vez, com Raimundo Souza, com quem teve os filhos Shalon e Danilo, e se manteve casada até 1985. No ano seguinte, casou-se com Fábio Vaz de Lima, técnico agrícola que assessorava os seringueiros de Xapuri, com quem teve os filhos Moara e Mayara.

Quando tinha 42 anos de idade, Marina converteu-se à Igreja Evangélica. A escolha pela nova religião ocorreu em 1997, quando teve problemas neurológicos devido à contaminação com mercúrio e sua recuperação coincidiu com a época em que começou a frequentar a igreja.

Imagem 4 - Marina em palestra para crianças em Xapuri (Acre), como professora de história.



Fonte e foto: Arquivo pessoal de Marina Silva no Instagram⁷.

No período em que foi professora na rede de ensino secundário, engajou-se no movimento sindical, sendo companheira de luta de Chico Mendes, com quem fundou a Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Acre, em 1985, da qual foi vice-coordenadora até 1986. No mesmo ano, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) e candidatou-se a deputada federal, não sendo eleita. Em 1988, foi a vereadora mais votada do município de Rio Branco, conquistando a única vaga da esquerda na câmara municipal.

A segunda etapa da trajetória de Marina Silva abrange sua **carreira política: da defesa da conservação da natureza à criação do Rede Sustentabilidade**. Nesta etapa serão recuperadas informações sobre suas gestões como vereadora, senadora e ministra do Meio Ambiente, além de sua participação como candidata à presidência nas eleições de 2010, 2014 e 2018.

Durante os dois anos de seu primeiro mandato como vereadora, combateu diversos privilégios dos vereadores e devolveu para os cofres da Câmara os benefícios financeiros a que eles tinham direito. Em 1990, candidatou-se a deputada estadual e obteve a maior votação do Acre, sendo eleita.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/_marinasilva_/>.

Em 1994, foi eleita senadora da República, sendo a mais votada do Acre e a pessoa mais jovem a ocupar o cargo de senador no Brasil. De 1995 a 1997, foi Secretária Nacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento do Partido dos Trabalhadores. Em 2002 foi reeleita, com projeção de cumprimento de mandato até 31 de janeiro de 2011. Entre as mais de 100 proposições apresentadas pela senadora, destacam-se 54 projetos de lei, entre os quais o texto propondo a criação do Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE) para as unidades da Federação que abrigarem em seus territórios unidades de conservação da natureza e terras indígenas demarcadas.

Imagem 5 - Marina Silva no segundo mandato como senadora, em 2002.



Foto: arquivo do site oficial de Marina Silva⁸.

Em 2003, com a eleição de Lula para a Presidência da República, foi nomeada ministra do Meio Ambiente. Em 2008 retornou ao Senado, sendo a primeira a defender a importância de o Governo Federal assumir uma postura em relação a redução das emissões de gases de efeito estufa, sendo adotadas metas com esse objetivo pelo Governo no ano seguinte.

Em 11 de julho de 2010, foi anunciada a candidatura de Marina à presidência pelo Partido Verde (PV), sigla em que se filiou no ano anterior, após a sua saída do Partido dos Trabalhadores. Ao final do primeiro turno das eleições, em 3 de outubro, Marina Silva obteve 19636359 votos, o que correspondeu a 19,33% dos votos válidos, ocupando o terceiro lugar na disputa, que seguiu para o segundo turno entre Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB). A ex-senadora não declarou apoio a nenhum dos candidatos no segundo turno, que elegeu Dilma.

⁸ O site oficial da candidata Marina Silva é <<https://marinasilva.org.br/>>.

No dia 16 de fevereiro de 2013, Marina lançou um projeto para um novo partido, o Rede Sustentabilidade, pelo qual ela pretendia concorrer pela segunda vez à presidência, nas eleições de 2014. O partido não conseguiu registro junto ao Tribunal Superior Eleitoral para disputar o pleito, por não ter atingido o número mínimo de assinaturas exigidas para sua oficialização. A ex-senadora então abdica de sua candidatura à presidência e se alia ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e a Eduardo Campos, como candidata a vice-presidência. No dia 13 de agosto de 2014, Eduardo Campos sofre um acidente aéreo e falece. No dia 20 de agosto de 2014, o PSB oficializou a candidatura de Marina Silva e Beto Albuquerque como sendo os nomes da legenda para a corrida presidencial. No dia 5 de outubro de 2014, após o encerramento da apuração de votos do primeiro turno das eleições, Marina alcançou 22154707 votos, sendo a terceira candidata mais votada no pleito e seu melhor desempenho na disputa presidencial. As eleições foram decididas no segundo turno entre os candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB). A ex-senadora declarou apoio a candidatura de Aécio no segundo turno das eleições, que resultou na reeleição de Dilma.

Em 22 de Setembro de 2015, a Rede Sustentabilidade obtém seu registro definitivo no TSE. Em 2018, Marina Silva candidatou-se à Presidência da República pelo partido, contando com Eduardo Jorge (PV) como candidato a vice-presidente. No Instagram, uma das redes sociais utilizada por Marina, tanto na sua campanha eleitoral como durante toda a sua vida pública, ela se define como “Professora de história, senadora pelo Acre (1995-2011), ex-ministra do Meio Ambiente”⁹, e possui 178 mil seguidores.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/_marinasilva_/>.

Imagem 6 - Marina na campanha eleitoral de 2018, no dia 3 de outubro, no Rio de Janeiro



Foto: Arquivo site oficial de Marina Silva ¹⁰.

No dia 7 de outubro foi realizado o primeiro turno das eleições, onde ela ficou em 8º lugar, com 1.069.575 votos, seu pior resultado em eleições presidenciais. As eleições presidenciais foram decididas em segundo turno entre os candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL), onde Marina apoiou a candidatura de Haddad, e Bolsonaro foi eleito.

Com o fim do período eleitoral, a ambientalista atualmente tem participado de palestras e visitas a cidades do Brasil, como Brumadinho, cidade mineira atingida pelo rompimento da barragem Mina Córrego do Feijão em 25 de janeiro de este ano. Além disso, Marina esteve presente em uma coletiva de imprensa¹¹ que reuniu oito ex-ministros do Meio Ambiente, no dia 8 de maio, na Universidade de São Paulo, realizada com o objetivo de emitir um comunicado criticando medidas tomadas ao longo dos 100 primeiros dias do governo Bolsonaro, centralizadas nas ações do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles.

¹⁰ Disponível em: <<https://marinasilva.org.br/>>.

¹¹ Mais informações em: <<https://veja.abril.com.br/blog/impacto/ex-ministros-do-meio-ambiente-criticam-retrocessos-do-governo-bolsonaro/>>.

3. ENTREVISTAS NO JORNAL NACIONAL

Este capítulo apresenta definições de entrevista jornalística e telejornalismo, aspectos que serão fundamentais para a análise realizada neste trabalho. Será realizada a descrição das características do telejornal Jornal Nacional, além de recuperar contribuições teóricas de Miguel (1999) e Hagen (2009). Além disso, será recuperada a relação entre jornalismo e democracia, abordada por Traquina (2001) e Schudson (2006), e a divisão dos gêneros jornalísticos, feita por Marques de Melo (2003).

3.1. A ENTREVISTA JORNALÍSTICA E O GÊNERO INFORMATIVO

Neste subcapítulo, serão apresentadas definições sobre a entrevista jornalística, a situando como parte do gênero jornalístico informativo. Para isso, serão mobilizados autores como Marques de Melo (2003), Lage (2001), Costa (2010) e Medina (1986).

O estudo dos gêneros jornalísticos tem início na segunda metade do século XX, tendo como marco as contribuições de Jacques Kayser. Esse tema se originou da análise de conteúdos presentes nos jornais, onde além de serem noticiados grandes acontecimentos, eram divulgadas críticas, relatórios, estatísticas e informações literárias. Marques de Melo (2003) se utiliza desta análise para identificar cinco gêneros jornalísticos legitimados contemporaneamente, cujas raízes remontam desde o século XVII: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional.

Costa (2010) destaca que “esta divisão se baseia em princípios funcionais segundo a função de ‘descrever’ ou ‘ler’ o real, usados para os gêneros informativo e opinativo, respectivamente” (COSTA, 2010, p. 43). Para os autores Assis e Marques de Melo (2003), o entendimento da mesma depende da sua inserção no ambiente de produção jornalística:

[...] a compreensão dos gêneros jornalísticos e de suas extensões só tem sentido se inseri-los no ambiente que lhes é peculiar, ou seja, os suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística, o que inclui evidentemente os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas etc (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p. 42).

Quanto ao gênero informativo, o qual mais interessa a este trabalho, Marques de Melo (2003) realiza uma divisão em quatro formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista:

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e a acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MARQUES DE MELO, 2003, p. 66).

A partir da definição de Medina (1986), a entrevista jornalística é “uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular” (MEDINA, 1986, p. 18). Baseando-se no caráter dialógico deste formato, a autora propõe uma forma de classificação, influenciada pela divisão feita por Edgar Morin: as entrevistas de espetacularização, que incluem o perfil pitoresco, o perfil do inusitado, o perfil da condenação e o perfil da ironia; e as de compreensão, que abrangem a conceitual, a entrevista/enquete, a investigativa, a confrontação e o perfil humanizado.

Já Lage (2001) define entrevista como técnica tradicional do jornalismo para a apuração de informações, sendo “uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2001, p. 32). O autor propõe tipos de entrevistas de acordo com as circunstâncias - ocasional, confronto, coletiva e dialogal - e objetivos - ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Lage se atenta à possibilidade de realizar entrevistas à distância além da tradicional forma presencial, no entanto defende a segunda maneira por essa manter condições que influenciam o trabalho jornalístico:

O resultado do encontro entre duas pessoas depende bastante da avaliação que uma faz da maneira como a outra está recebendo suas mensagens. A proximidade física permite uma aferição de resposta - um feedback - rápido, visual e auditivo, corriqueiro, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança. Os modelos de comunicação valorizam o efeito do ambiente partilhado pelos interlocutores e a que, numa conversa à distância, eles têm acesso parcial - limitado, no caso do computador, pela proximidade da câmara e sua imobilidade. Acresce o “efeito de novidade” - o inusitado que, ainda por algum tempo, cercará esses processos (LAGE, 2001, p. 34).

O autor afirma que a melhor maneira de realizar uma entrevista é esta ser precedida de troca de cumprimentos entre o jornalista e o entrevistado, como forma de ambientar o segundo ao cenário - no caso de entrevistas em estúdio, em um local diante de microfones ou câmeras - e “estabelecer o contato nos termos pretendidos” (LAGE, 2001, p. 35). O repórter geralmente faz uma pesquisa

prévia para uma entrevista, mas o que garante a qualidade desta é a forma como é conduzida. É necessário também manter o comando da conversa, evitando que esta desvie-se do seu tema.

Lage (2001) defende que a atividade do repórter deve ser marcada por atitudes de compreensão e respeito, se preocupando em não demonstrar reações como impaciência, discordância ou simpatia entusiasmada. Além disso, independente da entrevista ter tempo marcado ou não, ela tem um momento certo para ser encerrada, sendo quando “os conceitos e ideias vão sendo esclarecidos em seu curso e, quando esse processo chega ao fim, isto é, quando há consenso - não quanto ao assunto, mas quanto ao que o interlocutor está dizendo - é hora de parar” (LAGE, 2001, p. 35).

Segundo o autor, se baseando em observações de Gordon Pask, os entrevistados podem expor uma ideia de duas maneiras: sendo holísticos, considerando o todo e indo para a análise de um ponto; ou detalhistas, explicando em detalhes item por item. Isso pode gerar um relato muito geral ou tedioso por possuir detalhes que não são importantes. Este problema pode ser amenizado com a intervenção do repórter, pedindo ao detalhista uma abordagem mais geral e ao generalista que torne algum aspecto mais específico.

É destacado por Lage (2001) a importância para o entrevistado perceber que o entrevistador está entendendo o enunciado, podendo isso ser feito pelo jornalista através de questionamentos imediatos a partir do que acabou de ser dito ou da apresentação de dados de contestação, dependendo das circunstâncias da conversa. O autor também faz uma divisão da forma do discurso de acordo com a ocupação do entrevistado:

Alguns entrevistados - professores e intelectuais - têm discurso pronto, mais ou menos padronizado, que desenvolvem com fluência; seriam capazes de ditá-lo, se o repórter deixasse. Outros - principalmente políticos e militantes de causas políticas ou sociais - conhecendo os métodos de edição em rádio e TV, procuram encadear palavras e sentenças, de modo a dificultar o corte: pretendendo prolongar sua intervenção, cuidam de não dizer algo que sirva como deixa para o editor. Homens de negócio, treinados por assessorias de imprensa, condensam, pelo contrário, as declarações em frases de efeito, objetivando aproveitamento mais incisivo no veículo; estão preparados para a edição e dela cuidam de tirar o melhor proveito (LAGE, 2001, p. 36).

O autor considera a importância de dois aspectos numa entrevista, sendo eles o conteúdo em si e a personalidade do entrevistado. Não cabe ao repórter influenciar na percepção deste último, através da edição de pontos marcantes nesse sentido, pois é seu dever transmitir ao público exatamente o que a entrevista foi. Lage (2001) assegura a relevância de demonstrações de emoção

em uma entrevista - como por exemplo a voz esganiçada e lágrimas de um entrevistado, o que jornalistas de rádio e televisão muitas vezes eliminam no processo de edição se baseando nas tradições do jornalismo impresso -, pois estas humanizam o discurso.

3.2. O JORNAL NACIONAL: 50 anos no cenário jornalístico brasileiro

O Jornal Nacional é um dos mais conhecidos telejornais brasileiros, sendo produzido pela Rede Globo. Com exibição de segunda à sábado, às 20h30, teve a sua estreia no dia 1º de setembro de 1969, sendo caracterizado por ser compacto e possuir linguagem simplificada, com duração entre 45 e 50 minutos.

O telejornal foi o primeiro programa gerado no Rio de Janeiro em rede nacional, através da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), tendo como primeira dupla de apresentadores Hilton Gomes e Sid Moreira. Ao longo de seus quase 50 anos de exibição, o Jornal Nacional teve um total de nove âncoras e 40 apresentadores eventuais - que substituem os âncoras em suas ausências -, sendo atualmente apresentado por Renata Vasconcellos e William Bonner, que ocupam as funções de editora-executiva e editor-chefe, respectivamente. Atualmente o noticiário tem onze apresentadores eventuais, sendo eles os jornalistas Ana Luiza Guimarães, Ana Paula Araújo, César Tralli, Dony De Nuccio, Flávio Fachel, Giuliana Morrone, Heraldo Pereira, Maria Júlia Coutinho, Monalisa Perrone, Rodrigo Bocardi e Sandra Annenberg.

Os apresentadores do telejornal ajudam a construir a sua credibilidade, por meio da emoção que despertam, como defendido por Hagen (2009):

A imagem de competência e excelência dos apresentadores, de alguma forma, transmite a sensação de excelência da informação, assegurando a credibilidade tão incensada no jornalismo. Ser e parecer acabam embaralhados pela emoção que despertam. E, por meio da imagem, as pessoas "se perdem" no outro como em um transe, gerando uma "explosão de si mesmo" (MAFFESOLI, 1995, p. 112). Este outro pode ser um objeto, um ambiente ou uma estrela de cinema. Neste caso, um apresentador de telejornal (HAGEN, 2009, p.42).

O número reduzido de âncoras fixos no Jornal Nacional ao longo de seus 50 anos é justificado como uma das estratégias da emissora para conseguir transmitir essa imagem de competência de seus apresentadores.

O jornalista espera uma interação com o público, da mesma forma que o público, usando da reversibilidade, reconhece o que é notícia e confere ao apresentador o papel de guia e mentor na busca cognitiva de entender o mundo, as relações e, até mesmo, na busca de autoconhecimento (HAGEN, 2009, p.50).

Dessa forma, os âncoras do telejornal ocupam a função de guias para a compreensão do público sobre o que é notícia, reforçando sua importância na formação da opinião pública. A emissora soube potencializar esse impacto ao colocar os jornalistas Fátima Bernardes e William Bonner para dividirem a bancada do programa por treze anos, período em que estiveram¹² casados. Bonner segue apresentando o Jornal Nacional desde 1996, e Fátima foi âncora do telejornal de 1998 a 2011, passando a apresentar o programa Encontro com Fátima Bernardes no ano seguinte na mesma emissora.

A Rede Globo é uma rede de televisão comercial aberta, fundada em 26 de abril de 1965, pelo jornalista e empresário Roberto Marinho. É a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, atrás apenas da norte-americana American Broadcasting Company (ABC), alcançando mais de 98% do território brasileiro, cobrindo 5.490 municípios e cerca de 99,55% do total da população brasileira. Sua sede administrativa é localizada no Rio de Janeiro, com estúdios também em São Paulo. Possui 122 emissoras próprias e afiliadas, além de ser transmitida para mais de 130 países através da TV Globo Internacional, e faz parte do Grupo Globo, maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina.

Segundo o documento publicado pelo jornal O Globo¹³, o conglomerado possui como um de seus princípios editoriais a definição de jornalismo como um conjunto de atividades que produzem conhecimento sobre fatos ou pessoas, e para o trabalho jornalístico atingir esse objetivo deve se basear na busca da isenção, correção e agilidade. Os jornalistas do Grupo Globo possuem normas de condutas a seguir com suas fontes, com o público, diante dos colegas, do veículo e em suas próprias redes sociais.

O Grupo Globo será sempre independente, apartidário, laico e praticará um jornalismo que busque a isenção, a correção e a agilidade, como estabelecido aqui de forma minuciosa. Não será, portanto, nem a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos, partidos. Mas defenderá intransigentemente o respeito a valores sem os quais uma sociedade não pode

¹² O casamento dos jornalistas Fátima Bernardes e William Bonner chegou ao fim em 2016, quando iniciaram o processo de divórcio.

¹³ Princípios Editoriais do Grupo Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.pdf>>.

se desenvolver plenamente: a democracia, as liberdades individuais, a livre iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza. (GRUPO GLOBO, p. 29, 2011)¹⁴

A Rede Globo participa da formação da opinião pública, se inserindo como um ator no debate público, tendo em seu histórico momentos como o apoio à Ditadura Militar de 1964 e a influência em eleições presidenciais - como em 1998 e 2002.

As eleições de 1998 coincidiram com um período de seca no nordeste, alto índice de desemprego e crise financeira internacional, causando como efeitos no Brasil a desvalorização do real. Miguel (1999) aponta que a cobertura do Jornal Nacional dos acontecimentos no período eleitoral deste ano favoreceu o governo de Fernando Henrique Cardoso - que tentava a reeleição - através de estratégias como demorar para noticiar o quadro de crise, a invisibilidade do enquadramento da oposição e o pouco espaço do processo eleitoral no programa, que destinaram mais tempo para a notícia do nascimento de Sasha Meneghel do que para matérias relacionadas a agenda e debate eleitoral:

Embora nem sempre a Rede Globo alcance êxito absoluto em suas iniciativas (e, por vezes, amargue fracassos inegáveis), fica claro que seu noticiário é, ao menos em momentos cruciais, guiado por decisões políticas conscientes, como um instrumento de intervenção que visa afastar cenários adversos àquilo que a empresa define como sendo seus interesses (ou os do Brasil). O poder que a emissora possui e não se furta a usar é, precisamente, o poder próprio da mídia, de contribuir para a construção das representações do mundo social através de sua programação e, em especial, de seus noticiários (MIGUEL, 1999, p. 2).

Em comparação com 1998, a cobertura das eleições de 2002 mostrou uma postura diferente da Rede Globo, ocupando 31,2% do tempo do Jornal Nacional ao longo das quatorze semanas entre o término da Copa do Mundo e o primeiro turno, enquanto que em 1998 o tema ocupou apenas 4,6% do noticiário. Essa postura não ficou evidente somente na cobertura jornalística, atribuindo “a si própria a posição de “regente das eleições”, o que ficou claro nas entrevistas em estúdio e, sobretudo, nos debates” (MIGUEL, 2003, p. 294).

Durante o período eleitoral de 2002, o telejornal inovou ao realizar entrevistas ao vivo no próprio cenário, com quatro candidatos à presidência da república: Anthony Garotinho, do PSB; Ciro Gomes, do PPS; José Serra, do PSDB e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. As entrevistas

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.pdf>.

continuaram a ocorrer no programa durante as eleições seguintes, com os candidatos com maiores intenções de votos durante o período eleitoral, abordando diferentes temas de interesse público.

Segundo Weber (2017), temas de interesse público são aqueles que “afetam a sociedade, os indivíduos, as instituições, públicas e organizações privadas, com origem em discursos, ações ou propostas legais” (WEBER, 2017, p. 44). A partir dessas características:

O debate latente sobre os temas sensíveis relacionados a questões religiosas, comportamentais, preconceituosas, discriminatórias como aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, práticas religiosas; temas vitais sobre liberdade políticas, acesso à saúde, alimentação, emprego, segurança, educação entre tantos outros e os temas ditos políticos relacionados a cargos, corrupção, impostos, mudanças governamentais, impeachment, poder e outros. Esses três tipos de temas fazem com que os poderes do Estado e a sociedade se mantenham em alerta, e possuem potência para acionar a participação de instituições, públicos, grupos e cidadãos. (WEBER, 2017, p. 44).

Dessa forma, os temas de interesse público podem ser divididos em sensíveis (questões comportamentais), vitais (ligados às necessidades da população) e políticos (relacionados a questões governamentais).

3.3 A ENTREVISTA JORNALÍSTICA NA TELEVISÃO E A SUA RELAÇÃO COM O ESPETÁCULO POLÍTICO

Para tratar sobre entrevista jornalística no período eleitoral, se faz necessário retomar as funções do jornalismo e sua relação com a democracia. Esta relação é defendida por Traquina, que afirma que a liberdade está no centro desta ligação assim como tem papel fundamental no desenvolvimento da profissão. A partir disso, o autor define como valores essenciais do jornalismo a independência e autonomia dos seus profissionais; a credibilidade; a associação com a verdade; o rigor; a exatidão; a honestidade; e a objetividade - que inclui uma noção de equidistância. Traquina (2002) também apresenta o papel de *watchdog* da profissão, onde atuaria como vigilante do governo.

Em entrevista para Rogério Santos e Gonçalo Pereira, Schudson (2008) definiu sete funções que o jornalismo teria para a democracia: o fornecimento de informações; a investigação de irregularidades de governos, instituições e indivíduos; a capacidade de gerar cenários de análise para que o público consiga entender todas as implicações que um acontecimento pode ter; a

mobilização, no sentido de incentivar a participação cívica na vida pública; a construção de um fórum público; a função de empatia social, onde relata vivências de outras comunidades ao nosso redor; além de promover e divulgar a própria democracia, cumprindo um papel democrático mas não populista.

A questão dos gêneros televisivos passa a interessar os pesquisadores a partir de 1970, onde Aronchi de Souza (2004, *apud* MELO, 2010) identifica três categorias: informação ou telejornalismo, educação e entretenimento. Segundo Jean-Jacques Jaspers (1998), geralmente o telejornalismo ocupa cerca de 25% do total da programação de uma emissora de televisão, o que se deve a um processo de predomínio do divertimento, se refletindo também na espetacularização das notícias:

Assim na televisão atual o paradigma do espetáculo tende a prevalecer sobre os outros na preparação das mensagens reais. Até os telejornais se tornam show, com seus cenários futuristas, efeitos especiais, linguagem enfática e apresentadores/apresentadoras-vedetas (JESPERS *apud* MELO, 2010, p. 74).

Essa noção de espetáculo presente na televisão se configura também na cobertura política, em uma relação em que os acontecimentos pautam a agenda dos veículos de comunicação ao mesmo tempo que a mídia colabora com elementos que podem ser levados às estratégias políticas. Weber, Luz e Barreiras (2018) explicam essa relação, considerando o tempo como diferencial:

Através dos diferentes rituais jornalísticos e publicitários, que mantêm o funcionamento do espetáculo político, os poderes participam e retiram partes, sinais, momentos e contatos que fortalecerão sua imagem. Demonstram a sua importância em relação à existência do espetáculo. É onde se encontram os poderes, através dos rituais midiáticos e da comercialização dos espetáculos. Na relação mídia e política, o aspecto diferenciador é o tempo. O tempo das mídias é pré-determinado, dependendo do fato como meta-acontecimento para mudar estas regras. Ao contrário, a política exercita seu tempo a partir dos fatos (WEBER, LUZ & BARREIRAS, 2018, p.295).

A partir das definições apresentadas neste capítulo e da relação entre a comunicação e o espetáculo político, o próximo capítulo se voltará a análise das entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no Jornal Nacional.

4. ENTREVISTADOR E ENTREVISTADOS JAIR BOLSONARO E MARINA SILVA NO JORNAL NACIONAL

Neste capítulo serão descritas analiticamente as entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no Jornal Nacional. Serão também detalhados os procedimentos metodológicos utilizados.

4.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho utiliza como metodologias a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo, conforme Lakatos; Marconi (2009). A primeira é mobilizada para recuperar as contribuições teóricas de autores relacionadas à pesquisa, como Lage (2001) - em suas abordagens sobre entrevista jornalística - e Weber (2004, 2017) - no que se refere a comunicação política, com destaque para as definições de imagem pública e espetáculo político -. A análise de conteúdo é estabelecida na descrição das entrevistas selecionadas e na compreensão da incidência de temas de interesse público tratados nelas. Inspira-se nas contribuições semiótica. E a semiótica é utilizada pois entende-se que as vestimentas e os aspectos da comunicação não-verbal influenciam na imagem pública dos candidatos.

O corpus da pesquisa é composto por duas entrevistas de 28 minutos veiculadas no telejornal Jornal Nacional, por volta das 20h45, com dois dos candidatos à presidência do Brasil em 2018 mais bem colocados nas pesquisas eleitorais: uma com Jair Bolsonaro (PSL), ocorrida dia 28 de agosto do mesmo ano; e a segunda com Marina Silva (REDE), que aconteceu no dia 30 do mesmo mês. As conversas foram mediadas pelos jornalistas Renata Vasconcellos e William Bonner, âncoras do programa.

As categorias analisadas neste trabalho incluem a performance das entrevistas em si, o que incluem aspectos verbais e não-verbais; as características dos candidatos, como as posturas defendidas por Marina e Bolsonaro; as estratégias discursivas tanto dos presidentiáveis quanto dos jornalistas; o comportamento de Renata e Bonner; o desenvolvimento da entrevista; os temas de interesse público abordados e sua classificação; além dos afetos produzidos a partir das perguntas e respostas.

4.2. AS ENTREVISTAS NO JORNAL NACIONAL

Neste subcapítulo será feita a descrição das entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva, candidatos à eleição presidencial de 2018, no Jornal Nacional, telejornal da Rede Globo. Serão destacados alguns trechos onde há a maior evidência de interrupções e de alterações dos candidatos ou dos jornalistas.

4.2.1 A entrevista de Jair Bolsonaro

A entrevista - realizada no dia 28 de agosto de 2018, por volta das 21h - inicia com os cumprimentos dos jornalistas Renata Vasconcellos e William Bonner, âncoras do Jornal Nacional, a Jair Bolsonaro, candidato à presidência do Brasil em 2018 - pela coligação entre os partidos PSL e PRTB - que viria a vencer as eleições.

A) Estética e Cenário

Bonner e Bolsonaro estão vestindo ternos e calças pretas, e Renata veste um blazer azul com calças pretas também, o que traduz uma sensação de seriedade nas roupas de cada um dos agentes da conversa. Logo na sua entrada ao estúdio, podemos perceber que o candidato vem segurando um lápis e o livro *Aparelho Sexual e Cia.*, publicado pela Companhia das Letras, com uma folha inteira no interior do mesmo, objeto que terá importância nas falas de Bolsonaro.

O diálogo é realizado no estúdio do telejornal, em um ambiente circular e bem aberto, o que permite uma melhor angulação para as câmeras e mostra uma equipe trabalhando em computadores aos fundos, uma marca presente no Jornal Nacional que ajuda a fortalecer a sua imagem de um programa em constante atualização das informações. A mesa onde será realizada a entrevista tem um formato híbrido, sendo reta em frente de onde o convidado sentará, arredondada nas laterais e apresenta uma pequena divisória entre as posições das cadeiras dos entrevistadores, com folhas e tablets na frente de cada uma. Abaixo da região que engloba a posição dos participantes há um círculo menor giratório, o que permitirá um movimento durante a conversa. Os jornalistas e os candidatos sentam-se em cadeiras giratórias nas posições marcadas.

Com todos já sentados, Bolsonaro faz um comentário de tom descontraído sobre a aparência do local e diz estar confortável.

B) Desenvolvimento da entrevista

A introdução padrão do diálogo inicia com Renata, que faz uma breve apresentação ao espectador afirmando que essa entrevista dará sequência à série realizada ao vivo com os candidatos à presidência da república mais bem colocados da última pesquisa Datafolha de intenção de votos, e destaca que o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) - que aparece em primeiro lugar na pesquisa - não poderá dar entrevistas por estar preso. Bonner complementa a fala da colega de bancada falando como foi realizado o sorteio que definiu a ordem dos candidatos e situa a audiência sobre a edição realizada anteriormente e as que virão a seguir, ao longo da semana. O jornalista também informa sobre os conteúdos das entrevistas, sendo eles: os temas que marcam cada uma das candidaturas, questionamentos sobre assuntos polêmicos e indagações sobre a viabilidade de alguns pontos dos programas de governo. Renata explica sobre o tempo da entrevista, que não deverá ultrapassar 27 minutos e conta com um minuto final para colocações do candidato sobre que Brasil ele quer para o futuro. Este ritual que antecede a conversa propriamente dita se repetirá nas próximas edições que compõem esta série.

O tempo da entrevista começa a ser marcado, com um contador aparecendo na tela para o espectador. Bonner inicia perguntando a Bolsonaro o porquê dele se apresentar como novo na política apesar de estar no seu sétimo mandato como deputado e ter parentes presentes em cargos públicos. O candidato então responde afirmando que a sua família é limpa e que ele sempre integrou o baixo clero em Brasília, e diz que foi citado como o único deputado da base aliada que não foi comprado pelo PT, trazendo outros argumentos que tentam reforçar uma imagem de político honesto.

O editor-chefe do Jornal Nacional tenta interromper Bolsonaro, e quando este conclui a fala Bonner explica que seu patrimônio é originado do salário como parlamentar e pergunta o que o diferencia de tantos outros políticos que também tiveram vários mandatos. O candidato reage afirmando que nunca recebeu dinheiro de empresas para as suas campanhas e sim usou do próprio salário para isso, e comenta sobre a sua atuação como deputado em Brasília e que seus filhos foram eleitos pelo povo acreditar nele.

Renata Vasconcellos interrompe o político para salientar que eles estão falando sobre práticas novas na política, que Bolsonaro costuma defender, e pergunta o que há de novo em um candidato que defende a moralidade no uso do dinheiro público, mas que só volta atrás quando é cobrado publicamente - e levanta a questão de ele ter dispensado o auxílio moradia que os parlamentares recebem mesmo tendo um apartamento em Brasília -. O candidato então nega, sobrepondo a fala da jornalista no final da pergunta, e diz que só foi para o apartamento novo por necessitar de um espaço maior e questiona se irão desqualificá-lo por ter recebido um auxílio-moradia que é legal, além de afirmar que nunca indicou ninguém para cargos públicos. A jornalista segue no tópico do auxílio moradia, perguntando o que há de novo na forma do político agir nesta questão se ele age da mesma forma que outros políticos. Bolsonaro responde dizendo que estava morando em um cubículo em Brasília, e que todo o recurso que ele recebe é para a manutenção de seu mandato.

Bonner muda o assunto da conversa para economia, e utiliza em sua argumentação uma declaração de Bolsonaro dizendo que não entende de economia e que quem tratará deste assunto caso seja eleito é o economista Paulo Guedes. O jornalista afirma que em nenhuma outra democracia do mundo houve um candidato a chefe de estado que delegasse quem irá exercer uma função tão importante durante o período de campanha eleitoral, e pergunta o que o candidato diria ao eleitor que está preocupado dele se tornar refém de um subordinado tão poderoso. Bolsonaro cita os dois últimos presidentes, dizendo que Lula não entendia de economia e teve um ministro da economia ao seu lado e que Dilma entendia de economia mas levou o país ao caos, e defende que deve confiar nos ministros escolhidos.

O jornalista questiona a afirmação de Bolsonaro de que Paulo Guedes seguiria no seu governo até o fim, supondo uma situação em que o economista pressione o candidato - se este se tornar presidente - a agir de determinada forma ou ele abandonaria o cargo, e pergunta o que o político faria nesta situação. Bolsonaro responde fazendo uma analogia a um casamento, dizendo que ambos têm fidelidade um com o outro e compromisso com o país, e que nem tudo o que eles querem será aprovado porque suas propostas passarão pelo filtro da câmara de deputados e do senado. Bonner comenta que então há a possibilidade dos dois se separarem. O político se confunde por um momento e chama o jornalista de Paulo Guedes, se corrige e traz de novo a comparação com casamento, falando do voto de fidelidade eterna, e afirma que duvida que essa separação aconteça pois conhece bem o economista, mas caso isso ocorra não será por capricho.

O assunto da entrevista passa a ser desigualdade de gênero, com Renata se baseando em uma afirmação de Bolsonaro, de que se fosse empregador não empregaria mulheres pelos mesmos salários que os dos homens, pergunta como ele explicaria para as mulheres essa declaração que concorda com a desigualdade salarial. O candidato questiona a jornalista sobre onde ela teve acesso a afirmação, interrompe a resposta dela, ignora a tentativa de interrupção de Bonner e diz que a questão de salário depende da competência e isso já é garantido pela CLT. Renata argumenta que na prática existe a desigualdade salarial entre homens e mulheres e apresenta dados, mas o político tenta sobrepor a fala da jornalista com a sua explicação, como podemos ver na passagem a seguir:

Renata Vasconcellos:

- Candidato, vamos falar agora de um tema muito importante também, que é desigualdade de gênero. Segundo o IBGE, as mulheres ganham 25% menos que os homens. O senhor já disse que no serviço público já há a garantia dessa igualdade salarial. E no setor, na iniciativa privada, vale o que o empregador... O livre-arbítrio do empregador. O senhor já disse que um presidente da República, na sua opinião, não pode fazer nada a respeito para mudar esse quadro. O fato é que o senhor afirmou que, se fosse empregador, não empregaria mulheres com os mesmos salários dos homens. Ou seja, o senhor se solidariza pessoalmente com os empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial. Como explicar isso às mulheres?

Jair Bolsonaro:

- É muito fácil. Renata, você leu isso, ouviu ou viu essa afirmação tua a meu respeito?

Renata Vasconcellos:

- Acho que eu ouvi e li.

Jair Bolsonaro:

- Não. Você não...

Renata Vasconcellos:

- Ouvi na televisão...

Jair Bolsonaro:

- Não, me desculpe a senhora não ouviu. Eu nunca...

William Bonner:

- Candidato, nós ouvimos. Se o senhor quiser...

Jair Bolsonaro:

- Foi no programa da Luciana Gimenez?

William Bonner:

- É...

Jair Bolsonaro:

- Mas já existia esse fato em jogo, ela perguntou para mim, eu falei 'É competência'. Daí ela falou: 'Ó, as mulheres todas são competentes'. Então, a

questão de salário é questão de competência.... Na CLT já se garante isso. O salário compatível, desde que não haja mais de dois anos em tempo de serviço a mais entre uma e outro. Olha, isso veio...

Renata Vasconcellos:

- Nós sabemos que, na prática, existe desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Jair Bolsonaro:

- Tudo bem.

Renata Vasconcellos:

- Tanto é que o IBGE mostra que as mulheres ganham 25% a menos que homens.

Jair Bolsonaro:

- Renata.... Eu estudei.

Renata Vasconcellos:

- Eu gostaria só de saber do senhor, eleito presidente da República, o senhor é candidato à presidência, que políticas o senhor deve fazer para evitar essa desigualdade?

Jair Bolsonaro:

- Por que o Ministério Público do Trabalho não age no tocante a isso daí? Passa a agir.

Renata Vasconcellos:

- O senhor como presidente da República...

Jair Bolsonaro:

- Mas eu não tenho ingerência no Ministério Público do Trabalho, isso está na CLT. É só as mulheres denunciarem, o MP do Trabalho vai atuar no assunto.

Renata Vasconcellos:

- O senhor sabe que o Estado, ele tem mecanismos para estimular a iniciativa privada para que não cometa esse tipo de desigualdade salarial.

Jair Bolsonaro:

- Olha, Bonner...

Renata Vasconcellos:

- O senhor como candidato à Presidência da República não vai fazer nada para... Ou melhor, como presidente da República, o senhor não fará nada para evitar desigualdades assim?

Jair Bolsonaro:

- Olha, mas é lógico que a gente faria, mas estou falando que o Ministério Público do Trabalho pode ser questionado. Eu estou vendo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda certeza há uma diferença salarial aqui, parece que é muito maior para ele do que para a senhora. São cargos semelhantes, semelhantes, são iguais...

Renata Vasconcellos:

- Candidato, desculpe até, eu vou interromper vocês dois. Sim, eu poderia até como cidadã, e como qualquer cidadão brasileiro, fazer questionamentos sobre os seus proventos, porque o senhor é um funcionário público, deputado há 27 anos, e eu, como contribuinte, ajudo a pagar o seu salário. O meu salário não diz respeito a ninguém. E eu posso garantir ao senhor, como mulher, que eu jamais aceitaria receber um salário menor de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições que eu. Mas agora eu vou devolver a palavra ao senhor, para o senhor continuar o seu raciocínio.

Este trecho é destacado por mostrar inicialmente o candidato negando ter feito a declaração mencionada por Renata, e em seguida não respondendo concretamente o que faria para combater a desigualdade salarial entre homens e mulheres - sendo esse um tema de interesse público vital¹⁵ -, colocando a responsabilidade sobre a questão a cargo do Ministério do Trabalho. Além disso, em sua argumentação Bolsonaro comenta que William Bonner receberia um salário maior que o de Renata Vasconcellos, o que impacta no comportamento da jornalista, que o interrompe para dizer que não aceitaria receber um salário menor de um homem que praticasse as mesmas funções que ela. Somente nessa parte da entrevista, o ex-militar é interrompido quatro vezes pelos jornalistas e os interrompe três vezes.

Bolsonaro argumenta que grande parte dos funcionários da emissora vivem de recursos repassados pela União, e afirma que nunca teve um discurso seu na Câmara de Deputados defendendo a desigualdade salarial, apenas falou sobre isso em uma entrevista em 2010 usando estudos como base para dizer o porquê de mulheres receberem um salário menor que o dos homens. Renata questiona novamente se ele tomará alguma providência nesse sentido e o entrevistado se exalta, repetindo a resposta que deu anteriormente, e enquanto ele falava Bonner afirma que ele não fará nada nessa questão.

O jornalista propõe que a conversa se direcione ao tema emprego e, a partir da afirmação de Bolsonaro de que para ter mais empregos deveria ter-se menos direitos trabalhistas, pergunta quais direitos trabalhistas os cidadãos brasileiros deixarão de ter em seu governo. O deputado federal do Rio de Janeiro responde que em todas as reuniões que faz a classe empregadora tem dito que um dia o trabalhador terá que escolher entre menos direitos e emprego ou todos os direitos e desemprego. Bonner questiona se ele estaria verbalizando o que falam os empregadores e o político concorda, e então retoma a pergunta. Bolsonaro defende que nenhum direito pode ser retirado por

¹⁵ Ver mais detalhes sobre essa divisão no subcapítulo 3.2 deste trabalho.

estarem previstos na Constituição, e declara que o executivo deve desonerar a folha de pagamento, desregulamentar algumas coisas.

Ele é interrompido pelo jornalista, que indaga se não seria interessante o eleitor saber que tipo de direito o candidato estaria disposto a suprimir. O político afirma que quem pode fazer isso é a Câmara e o Senado, e não o presidente e, após ser questionado por Bonner se iria propor algo nesse sentido no congresso, defende que só poderia fazer isso se fosse aberta uma nova Assembleia Nacional Constituinte. Bolsonaro continua argumentando sobre a competitividade dos produtos produzidos no Brasil e do salário pago ser baixo para quem recebe e alto para quem paga, e conclui - meio exaltado - pedindo para não colocarem a quantidade de problemas que o país possui em cima de um candidato à presidência. O deputado e o jornalista têm uma discussão sobre essa questão, e Bonner questiona o fato do entrevistado ter votado contra a aprovação da PEC dos domésticos, que garantiu direitos a classe de trabalhadores.

Bolsonaro afirma que foi o único deputado a votar contra o projeto e que o fez duas vezes, por defender a conquista de direitos de forma gradativa, citando o fato de muitos empregadores demitirem esses profissionais por não terem como pagar, e retoma a ideia de que muitas pessoas perderam seus empregos por conta de direitos trabalhistas. O jornalista interrompe o candidato, dizendo que os números das pesquisas do IBGE não atestam esse argumento, e volta a confrontar o entrevistado, perguntando se o eleitor deve entender que no seu governo não terá direitos trabalhistas ou não terá emprego. Bolsonaro indaga Bonner se ele seria favorável a aprovação de todos os direitos trabalhistas para as classes militares, e ele responde que não fez essa questão. Após o candidato se exaltar por um momento, o jornalista retoma a questão do seu voto em relação a PEC dos domésticos. O político, de forma um pouco alterada, assegura que votou contra pretendendo defender a conquista dos direitos e utiliza argumentos já mencionados.

Renata conduz a conversa para o tema da homofobia, apresentando o dado de que a cada 19 horas uma pessoa LGBT é assassinada ou se suicida por conta do preconceito, e lembra de declarações ofensivas a essa comunidade feitas por Bolsonaro:

Renata Vasconcellos:

- Vou pedir então licença para a gente ir agora... São direitos, inclusive, a que o senhor se referiu. Vamos partir para outro tema importante, que é homofobia. A cada 19 horas, um gay, lésbica ou trans é assassinado ou se suicida por causa de homofobia no Brasil. O senhor já disse que não é homofóbico. Mas o senhor também já declarou que vizinho gay desvaloriza imóvel. O senhor já disse que prefere que um filho morra a

ser gay. O senhor já, inclusive, relacionou pedofilia com homossexualismo. Candidato, essas declarações não são homofóbicas?

William Bonner:

- Esse termo, inclusive, “homossexualismo”, foi o senhor que usou, porque é um termo...

Jair Bolsonaro:

- Vamos falar. Vamos falar.

William Bonner:

- Em geral, a palavra correta para se usar seria...

Renata Vasconcellos:

- “Homossexualidade”.

William Bonner:

- “Homossexualidade”.

Jair Bolsonaro:

- É.

William Bonner:

- Renata foi literal na transcrição do que o senhor disse.

Jair Bolsonaro:

- Olha só, isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E eu passando nos corredores da Câmara, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que.... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: “Vai haver alguma parada de orgulho gay na Câmara? ”. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Repito, 9º Seminário LGBT Infantil. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como “kit gay”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.

Renata Vasconcellos:

- Candidato, vou pedir para o senhor não mostrar se as crianças não podem ver.

Bolsonaro então abre o livro e mostra uma das partes para Bonner e Renata.

Jair Bolsonaro:

- Não, mas é um livro escolar. É para criança, é um livro para a criança, os pais não sabem que isso está na biblioteca.

William Bonner:

- Nós temos uma regra, candidato, que eu estou lembrando, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis...

Jair Bolsonaro:

- Não, mas está aqui no livro, uma prova, isso daqui...

William Bonner:

- Eu pediria ao senhor...

Jair Bolsonaro:

- Isso daqui, isso daqui não veio.... Tudo bem, vou tirar o livro aqui.

William Bonner:

- Não é, candidato, posso lhe dizer, não é respeitoso. Você pode deixar o livro comigo.

Renata Vasconcellos:

- Para a gente até... Pra gente até poder seguir adiante.

Jair Bolsonaro:

- Não, pode deixar, não vou mostrar mais não, fique tranquila. Então olha só, eu vou mostrar numa live, depois do programa o livro, sem problema nenhum. Se bem que fiz esse livro com a minha filha até o momento, de antes do livro entrar em questão, tirei a minha filha e fiz uma live, uma live não, fiz uma matéria no Facebook, deu 40 milhões de acesso em 15 dias.

Renata Vasconcellos:

- Candidato, essas suas declarações a que eu me referi... Gostaria que o senhor...

Jair Bolsonaro:

- Então olha só, em sala de aula, sala... Olha só, eu estava defendendo as crianças em sala de aula.

Renata Vasconcellos:

- Quando o senhor se referiu “a vizinho gay desvaloriza imóvel”?

Jair Bolsonaro:

- Meu Deus. É. Em todos esses momentos.

Renata Vasconcellos:

- O que isso tem a ver com as crianças?

Jair Bolsonaro:

- Um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando com boneca por influência da escola, esse é o assunto. Não, mas espera aí...

Renata Vasconcellos:

- Mas para defender...

William Bonner:

- Candidato, a Renata lhe fez uma pergunta, mas o senhor não está respondendo.

Jair Bolsonaro:

- Mas foi em momentos que a temperatura cresceu. Então assim, nada eu tenho contra o gay, eu tenho contra o material escolar em sala de aula.

Renata Vasconcellos:

- Mas, candidato, por que para defender o seu ponto de vista o senhor faz declarações tão fortes que, inclusive, podem ofender as pessoas?

Jair Bolsonaro:

- Não, tem muito gay que é pai, que é mãe, e concorda comigo. As declarações foram fortes, foram algumas caneladas. Peço até desculpas, mas foi um momento de temperatura alta em comissões, que quase houve vias de fato em muitas discussões, porque o ativismo LGBT levava para isso. Inclusive, eu peço para você que está em casa: entre na internet, pegue lá 'Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT.' São 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ou seja, estão ensinando em algumas escolas, que homem e mulher está errado, pode ser, sim, homem com homem, mulher e mulher. O que é difícil, Bonner, para criancinha a partir de 6 anos de idade.

Nesse trecho da entrevista, nota-se novamente uma dificuldade do candidato em responder o que lhe foi questionado, com ele justificando as acusações após ele ter visto acontecer na Câmara de Deputados o 9º Seminário LGBT Infantil¹⁶ onde os manifestantes estariam comemorando a aprovação de um material de combate à homofobia chamado de Kit Gay¹⁷. O material incluiria o livro *Aparelho Sexual e Cia.*, obra que Bolsonaro havia levado para a entrevista e mostra para os jornalistas, desrespeitando a regra combinada entre a produção do programa e os assessores do candidato em que é proibido mostrar documentos e papéis durante a conversa. Durante a sua argumentação, o deputado aumenta um pouco o tom de voz, parecendo nervoso, e defende que suas declarações foram para defender as crianças em sala de aula.

Os jornalistas mudam o assunto da conversa para segurança pública, com Bonner comentando que a maioria das pessoas que moram nas favelas são honestas e vivem sob o domínio de traficantes, recupera uma declaração do candidato sobre o combate ao tráfico e pergunta como as pessoas que moram nessas comunidades recebem essa afirmação. Bolsonaro justifica sua fala se referindo ao tipo de armamento utilizado pelos traficantes e pela polícia, relata que já foi vítima

¹⁶ Informação que foi desmentida pelo jornal Huffpost Brasil, que comprova que o evento nunca ocorreu e que em 2012 aconteceu a 9ª edição do Seminário LGBT no Congresso Nacional, que ocorre anualmente, onde foi debatida a questão do respeito às diferenças de gênero e sexualidade iniciar na infância e medidas de proteção a crianças que não se enquadram nos papéis de gêneros impostos pela sociedade. Mais informações podem ser conferidas no link: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/30/nao-existiu-9o-seminario-lgbt-infantil-no-congresso-nacional-em-2010_a_23512614/>.

¹⁷ Kit gay é apelido do projeto 'Escola sem homofobia', voltado a educadores e não a crianças. Mais informações podem ser conferidas no link: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>>.

de violência e que “esse tipo de gente não deve ser tratada como gente normal” e então se volta ao fato de três militares terem morrido por conta do crime. O político segue respondendo que as pessoas de bem dessas regiões devem ficar isoladas em uma região livre de tiros e os policiais devem agir com força total para matarem os traficantes, merecendo serem condecorados por isso.

Renata então questiona sobre como evitar que isso se torne uma tragédia ainda maior, e o deputado diz que a violência é contra quem tem arma na mão. A jornalista comenta que as balas perdidas também atingem inocentes, e Bolsonaro afirma que então não serão colocados policiais para invadir comunidades dominadas pelo tráfico, trazendo a questão das forças militares do país terem pacificado o Haiti.

Bonner muda o assunto da entrevista, e baseado em uma declaração do candidato à vice-presidência do deputado, pergunta ao que Hamilton Mourão se referiu ao dizer que os militares teriam que impor uma solução ao Brasil:

William Bonner:

- Eu vou convidar o senhor para a próxima pergunta, que também é importante. A gente vai falar de composição política, de aliança, do seu vice. O seu candidato a vice, o general Hamilton Mourão, ao falar sobre crise política brasileira, uma crise que tem se estendido já há um bom tempo, ele falou para um grupo de militares, no ano passado, ele disse o seguinte, eu vou ler aqui a frase dele: “Os poderes terão que buscar solução. Se não conseguirem, chegará a hora que nós teremos que impor uma solução”. Hoje, a propósito até, o seu vice, ele voltou a esse assunto, ele disse que isso aí seria só no caso de haver uma situação de caos. Candidato, que solução seria essa que os militares teriam que impor ao Brasil? Impor. Uma democracia.

Jair Bolsonaro:

- Isso aconteceu em 64, e na forma da lei...

William Bonner:

- Nós estamos em 2021, candidato.

Jair Bolsonaro:

- Na forma da lei e da constituição da época...

William Bonner:

- 2018. Saltei três anos, agora.

Jair Bolsonaro:

- Os militares chegaram lá, os militares chegaram, chegaram, não, foram eleitos presidente da República por cinco mandatos, está certo? As palavras dele estão em consonância com que grande parte da sociedade fala e ele teve a coragem de externar isso daí, e ele agora é o militar da reserva.

William Bonner:

- Candidato...

Jair Bolsonaro:

- Nem eu, nem ele, nós queremos nada pela força, tanto é que nós...

William Bonner:

- Os historiadores sérios se referem a 1964, candidato, como um golpe militar. É assim que se trata nos livros, é assim que a história mostra que os fatos se deram. O que eu lhe pergunto, é para o momento que estamos vivendo, eu já dei um salto aqui de três anos. Nós estamos em 2018. Em 2018, o seu vice dar uma declaração como essa, dizer que os militares vão impor uma solução, como fica a Constituição numa situação como essa?

Jair Bolsonaro:

- Olha, no meu entender, foi uma alerta que ele deu e, no mais, deixa os historiadores para lá. Eu fico com Roberto Marinho, o que ele declarou no dia 7 de outubro de 1984, vou repetir aqui.

William Bonner:

- O senhor vai repetir isso.

Jair Bolsonaro:

- Eu vou repetir aqui: “Participamos da revolução democrática de 1964, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, distúrbios sociais, greves e corrupção generalizada”. Repito a pergunta aqui: Roberto Marinho foi um ditador ou um democrata? É a história, nós aqui, tenho certeza, eu não falo...

Nessa parte da entrevista, Bolsonaro defende que os militares foram eleitos para a presidência do país a partir de 1964, no período conhecido como Ditadura Militar, respeitando a Constituição do país. William Bonner contesta o argumento do candidato, explicando que os historiadores descrevem o período como um golpe militar. O candidato responde que ignora os historiadores e retoma uma declaração feita por Roberto Marinho - ex-proprietário do Grupo Globo - durante o período referido. Essa resposta de Bolsonaro serve como uma tentativa de desqualificar as afirmações do jornalista, o questionando sobre o apoio ao período militar de 1964 manifestado pelo antigo proprietário do conglomerado do qual a Rede Globo faz parte. O trecho se destaca por se tratar de um tema político¹⁸, com o candidato defendendo uma posição que contraria os registros sérios sobre a época.

O editor-chefe do telejornal conduz o debate para o encerramento, onde o político teria um minuto para dizer qual o Brasil que ele quer para o futuro. Em sua fala, Bolsonaro traz a questão dos dois partidos que intercalaram a presidência do país e diz estar na hora de ser eleito alguém que mude esse ciclo, um governante que seja patriota, tenha Deus no coração e respeite a família,

¹⁸ Ver mais detalhes no subcapítulo 3.2.

que tenha força na questão da segurança, que una o Brasil e indique seus ministros sem indicação política. Os jornalistas agradecem a presença do candidato, o cumprimentam e Bonner diz que a seguir o noticiário acompanhará a agenda de campanha dos demais candidatos à presidência.

C) Comentários

A partir dessa descrição, é percebido que as perguntas feitas ao candidato à presidência da república Jair Bolsonaro pelos jornalistas Renata Vasconcellos e William Bonner foram baseadas em declarações, feitas por Bolsonaro e pelo candidato à vice-presidência na sua coligação, consideradas polêmicas por provocarem emoções positivas ou negativas para uma parcela da população. Entre os temas abordados, houve uma predominância de questões sociais e relacionadas ao perfil político que sua gestão pretende ter, com argumentações do ex-militar muitas vezes pouco esclarecedoras e desviantes do que lhe foi perguntado, além de citar informações verificadas como falsas. O embate entre entrevistado e jornalistas se travou em uma estratégia dos âncoras do Jornal Nacional de mostrar Bolsonaro como uma figura polêmica e contraditória, enquanto que o candidato tentava deslegitimar as questões feitas pelos jornalistas falando mais alto, mostrando um livro - e assim não respeitando as regras estabelecidas para a conversa - e citando uma declaração de Roberto Marinho sobre a Ditadura Militar do Brasil.

4.2.2 A entrevista de Marina Silva

Realizada no dia 30 de agosto de 2018, a entrevista inicia por volta das 21h com os cumprimentos dos jornalistas Renata Vasconcellos e William Bonner, âncoras do Jornal Nacional, a Marina Silva, candidata à presidência do Brasil em 2018 pela coligação entre os partidos REDE e PV.

A) Cenário e estética

Bonner está vestindo terno e calça preta, Renata veste um blazer cinza com calça escura também, e Marina aparece usando uma calça pantalonada marrom com uma camiseta branca - sem blazer - e o tradicional coque. Os agentes do diálogo transmitem seriedade através de seus visuais,

com destaque para a ambientalista, que tentou modificar seu visual em comparação ao que apresentava nas eleições passadas. Logo na sua entrada ao estúdio, podemos perceber que a candidata vem segurando uma folha branca, o que parece ser um documento.

A conversa é realizada no estúdio do telejornal, ambiente já descrito anteriormente neste trabalho, iniciada pelos ritos de apresentação da entrevista, que servem para contextualizar o programa para o espectador.

B) Desenvolvimento da entrevista

O tempo começa a ser contado e Bonner questiona a candidata sobre suas qualidades de líder, tendo como base a sua dificuldade de criar o seu partido. Marina responde dizendo que mantém uma boa relação com as pessoas que saíram da Rede Sustentabilidade pouco depois de sua formação e que vê esse processo como algo natural em uma democracia. O jornalista indaga sobre as divergências de membros do partido com o seu voto em relação ao impeachment de Dilma Rousseff, voltando a relacionar isso com uma falta de liderança. A candidata defende que ser líder não é o mesmo que ser dono do partido, justifica o motivo da sua decisão em relação a votação e diz que o diferencial do Rede é o fato de manter relações com pessoas que saíram dele. O editor-chefe do telejornal tenta interromper a ex-senadora e, após ela terminar a sua fala, afirma que essas saídas fragilizaram a nova sigla, e a entrevistada o interrompe negando isso.

Renata Vasconcellos então também questiona a capacidade de liderança da ambientalista, que declara que pretende governar o país dialogando e que liderar não é fazer todos concordarem em seus posicionamentos, e cita o governo de Itamar Franco, que juntou pessoas de diversos partidos para um governo de transição, que é justamente o que ela quer fazer. A jornalista tenta interrompê-la, mas Marina segue sua explicação defendendo que governará de forma que combata a corrupção e faça o país crescer.

Renata indaga sobre o fato da candidata não assumir posturas, se referindo a resposta de ser à favor do debate quando é questionada sobre temas polêmicos, como no assunto da Reforma da Previdência:

Renata Vasconcellos:

- Então, justamente sobre essa questão da governabilidade, é preciso, fundamental, ter liderança. Ainda então na questão da liderança, uma crítica frequente dos seus adversários é sobre a sua postura diante de temas polêmicos,

mas importantes para o país como, por exemplo, a reforma da Previdência. Quando a senhora é questionada sobre esses temas, a senhora sempre defende a necessidade de um debate, mas não apresenta uma proposta concreta. Eu me lembro na sabatina da GloboNews, já tem umas três semanas, a senhora, diante dessas questões, sempre respondia, chegou até a responder numa sequência de três vezes: “É preciso debater, tem que debater, tem que se debater”. Como candidata à Presidência da República, por que não assumir posturas?

Marina Silva:

- Mas eu assumo a postura.

Renata Vasconcellos:

- Posições.

Marina Silva:

- Sim. Se existe uma pessoa que assume posições, essa pessoa sou eu. Eu defendo a reforma da Previdência e tenho as diretrizes para essa reforma. Quais são as diretrizes? Que a gente possa encarar o problema da idade mínima, que a gente possa transitar para...

Renata Vasconcellos:

- Mas no seu programa de governo, justamente a questão da idade mínima, ela é posta de uma forma muito vaga.

Marina Silva:

- Mas...

Renata Vasconcellos:

- Não existem detalhes importantes, por exemplo, como a idade mínima...

Marina Silva:

- Mas nenhuma proposta de...

Renata Vasconcellos:

- A nova idade mínima para a aposentadoria. Não é importante isso para os brasileiros saberem, por exemplo?

Marina Silva:

- É importante a gente dizer que vai debater a idade mínima, mas tem gente que se incomoda com a ideia de debater, porque a gente se acostumou com os pacotes. A gente vem da cultura do pacote, um em cima do outro, do povo brasileiro. Quando alguém diz que vai debater, vai dialogar, parece estranho, mas numa democracia, isso é o normal.

Renata Vasconcellos:

- Mas esses oito anos não foram suficientes para a senhora amadurecer posições tão importantes quanto essas?

Marina Silva:

- Sim, amadurecemos. Nós temos uma proposta, vamos encarar o problema da idade mínima...

Renata Vasconcellos:

- Mas mesmo a ...

Marina Silva:

- A gente está tendo pessoas que estão conseguindo viver muito mais, isso é um debate que está acontecendo no mundo inteiro. E eu vou mais além: no problema da idade mínima, nós vamos manter a diferença entre homens e mulheres. A Universidade Federal de Minas Gerais fez um estudo de que 80% das atividades domésticas são feitas por mulheres.

Renata Vasconcellos:

- (...) já existe essa diferença.

Marina Silva:

- Enquanto a gente tiver uma cultura em que as mulheres têm sobrecarga, elas têm o direito de se aposentar mais cedo, mas isso nós vamos enfrentar. Desde 2010 que eu defendo, 2010, quando ninguém debatia isso, que a gente tinha que transitar para um regime de capitalização e contribuições. Agora nós sabemos que com o problema do déficit público, essa transição tem que ser bem construída, mas devemos ir para um regime de capitalização e combater os privilégios. A Previdência não pode permitir que no Executivo você tenha aposentadorias que são muito altas, no Legislativo você tenha aposentadorias muito altas, no poder Judiciário, comparada à iniciativa privada, que é em torno de R\$ 1,5 mil. Isso são diretrizes gerais. Agora, o governo Temer, sem debater, discutindo apenas com um lado, disse que ia fazer a reforma e não fez.

Renata Vasconcellos:

- Mas sobre essa questão já se foi bastante debatido. Será que...

Marina Silva:

- Sim, mas é um problema muito complexo, não se pode achar que algo que mexe com a vida de tantas pessoas pode ser feito assim a toque de caixa. Numa democracia, a gente tem que se dispor a dialogar com empresários, dialogar com trabalhadores, com os especialistas, e quando a gente entende do processo político, a gente sabe que resultado é tão importante quanto o processo.

Renata Vasconcellos:

- É verdade, mas isso não significa que seja...

Marina Silva:

- A reforma foi inviabilizada você sabe por quê? Foi inviabilizada porque o governo esqueceu o processo, esqueceu o processo na reforma trabalhista...

William Bonner:

- Candidata...

Marina Silva:

- Se ele tivesse atendido todas as questões que eram colocadas na reforma trabalhista...

William Bonner:

- É que tem outras questões...

Marina Silva:

- Talvez hoje nós não tivéssemos a situação de ambiguidade.

William Bonner:

- Agora, candidata, a respeito de reforma previdenciária e idade mínima, ficou claro aqui, os eleitores só vão saber das idades mínimas que a senhora pretende propor, depois da senhora eleita.

Marina Silva:

- Mas vou debater...

William Bonner:

- Mas eu queria mudar....

Marina Silva:

- Tenho o compromisso de debater, isso eles não precisam se preocupar.

Renata Vasconcellos:

- Novamente debater, debater, debater...

William Bonner:

- Deixa eu, deixa eu só voltar.... Mas candidata.... É que eu queria avançar na entrevista.

Marina Silva:

- Mais isso é importante. Sabe por quê? Sabe por quê, Bonner? Mas, olhe só, presta atenção. Vamos lá. Olha só...

William Bonner:

- A gente vai deixar de abordar outros temas importantes para a senhora e para os eleitores. É por isso que eu estou pedindo...

Marina Silva:

- É que isso é importante. Mas, veja bem, você acabou de dizer que os meus eleitores...

William Bonner:

- A senhora explicou...

Marina Silva:

- Não, expliquei, mas você parece que continua com dúvidas. E eu quero dizer...

William Bonner:

- Eu não tenho dúvida, não.

Marina Silva:

- A Dilma e o Temer não apresentaram nada, não têm legitimidade, não têm credibilidade, jogaram um pacote na cabeça do povo brasileiro discutindo só com os empresários.

William Bonner:

- Vamos em frente, então.

Marina Silva:

- Eu estou dizendo, quem votar em mim sabe que eu vou ouvir especialistas, vou ouvir empresários e trabalhadores para a gente poder fazer algo que é importante de resolver.

William Bonner:

- Candidata, vamos falar...

Marina Silva:

- A reforma da Previdência.

Este trecho foi selecionado por mostrar Renata Vasconcellos questionando Marina por não assumir posturas em diversos temas, como a Reforma da Previdência, de forma que a jornalista tenta desqualificar a resposta da candidata de que irá debater esses assuntos com a população, a interrompendo quatro vezes durante a sua argumentação para tentar elucidar detalhes nas diretrizes para a Reforma da Previdência citadas no plano de governo da ambientalista. Apesar disso, a ex-senadora segue sua explicação calmamente, algumas vezes ignorando as interrupções e retomando ideias que já havia dito por achar que tais pontos não foram entendidos pelos jornalistas. William Bonner tenta a interromper sete vezes para direcionar a conversa para outro tópico, e alerta que a entrevista pode deixar de abordar outros temas de interesse público, dando a entender que isso seria por Marina se prolongar em suas afirmações.

O editor-chefe questiona sobre o apoio à candidatura de Aécio Neves nas eleições de 2014, que se tornou réu por corrupção passiva após o período. A ambientalista responde que se tivesse essa informação sobre o candidato não o apoiaria, e é novamente interrompida pelo jornalista que menciona o escândalo do Aeroporto de Cláudio¹⁹ que envolvia Aécio no período eleitoral.

Ela tenta retomar o seu raciocínio sobre a questão das investigações da Lava Jato, e sofre novas interrupções de Bonner durante sua declaração, que pergunta se a ex-senadora tem novos mecanismos para avaliação de possíveis aliados, já que Eduardo Campos - com quem se aliou em 2014 para concorrer à vice-presidência e, após o seu falecimento, passou a disputar a presidência - foi citado em delações por ter recebido propina em campanha. Marina afirma ter certeza que possui formas de evitar essas situações e que Eduardo não tem como se defender nos processos e nem pagar pelos erros se for considerado culpado, por estar morto. O jornalista questiona novamente sobre o assunto da pergunta, e recebe como resposta que ela é a única candidata que apoia a Lava Jato e defende o Ministério Público. Bonner nega isso, dizendo que vários fizeram isso, e eles entram em uma discussão, por ela ter feito dois programas do seu partido defendendo a investigação.

¹⁹ Aeroporto da cidade de Cláudio, em Minas Gerais, construído em 2010 em uma área que pertenceu ao tio-avô de Aécio até 2008. A obra teve início durante sua gestão como governador do estado, a um custo de R\$ 13,9 milhões. A pista fica próxima a uma fazenda da família Neves. Mais informações em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/09/12/mp-reabre-inquerito-sobre-aeroporto-de-claudio-no-centro-oeste-de-mg.ghtml>>.

O editor-chefe do telejornal questiona sobre as coligações estaduais, onde a Rede Sustentabilidade compõe chapas em diversos estados com partidos que a ambientalista já criticou, querendo saber se o eleitor não poderá considerar insinceras as críticas feitas:

William Bonner:

- Eu a convido apenas a senhora a analisar e responder a questão sobre as coligações estaduais.

Marina Silva:

- Sim, vamos lá, vamos lá...

William Bonner:

- É um problema nessas eleições bem claro. Não apenas para um candidato. Mas veja a sua situação. A senhora critica, sistematicamente, os partidos do chamado centrão. O centrão, os partidos do centrão têm 41 investigados na Lava Jato, que a senhora apoia. E esses partidos do centrão têm essa fama de praticar o famoso “toma lá, dá cá”.

Marina Silva:

- É mais do que isso, é corrupção braba mesmo.

William Bonner:

- Bom... Corrupção braba, chame como a senhora preferir. A senhora reforça essas críticas. A senhora também chegou a dizer que naquele ano de 2014, na última eleição, o PT e o PSDB não estavam disputando a Presidência da República. Eles estavam disputando a presidência de uma organização criminosa. Uma declaração forte essa, né? Pois bem. Nesta eleição agora, o seu partido, a Rede, ele tem coligações, ele participa de coligações com o PT em alguns estados, com o PSDB em alguns estados, e com os partidos do centrão em outros tantos estados. E aí eu vou levar à pergunta: diante destas coligações, o eleitor não pode achar que aquelas críticas fortes que a senhora fez eram insinceras? E até oportunistas?

Marina Silva:

- Não, porque o que atesta a minha vida e o meu compromisso são mais de 30 anos de vida pública. Deputada, senadora, ministra. Sem nenhum envolvimento em caso de corrupção. No plano nacional, não estamos ligados com nenhum desses partidos.

William Bonner:

- Mas em cada um desses estados?

Marina Silva:

- Não, não é em cada um, não. São em alguns estados.

William Bonner:

- São muitos, candidata.

Marina Silva:

- Não, não são.

William Bonner:

- Olha, eu poderia...

Marina Silva:

- Vou te dizer, no Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul.

William Bonner:

- É um deles.

Marina Silva:

- Não, eu vou falar, eu mesma falo para você. No Rio Grande do Sul nós estamos coligados com um jovem que foi prefeito de Pelotas e esse jovem, sobre ele não pesa absolutamente nada. Eu sou inteiramente coerente. O que eu tenho dito? Eu tenho dito...

William Bonner:

- Eu tenho aqui uma lista, candidata. Se a senhora quiser, eu posso dar essa lista rapidamente.

Marina Silva:

- Vamos lá, vamos lá.

William Bonner:

- Vamos lá, a senhora, o seu partido, a Rede está coligada com o MDB, de Michel Temer, no Espírito Santo. Em três estados brasileiros, a Rede está coligada com o Partido dos Trabalhadores: em Tocantins, em Roraima e na Paraíba. Em quatro estados, o seu partido está coligado com o PSDB: Maranhão, Amapá, Goiás e Rio Grande do Sul, que a senhora mencionou. E em sete estados, com partidos do centrão: Tocantins, Roraima de novo, Paraíba de novo, Amapá de novo, Goiás, Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. São muitos estados em que a Rede está associada, está coligada, por assim dizer, a partidos que a senhora critica muito veementemente.

Marina Silva:

- Sabe... Sabe qual é....

William Bonner:

- Isso não lhe parece incoerente?

Marina Silva:

- Veja, olhando da forma como você coloca, passa essa impressão ao telespectador. Mas as pessoas que conhecem a minha trajetória, o que eu tenho dito? Pessoas boas.... Aliás, tem gente que até está me copiando agora... Pessoas boas, desde 2010 eu digo, existem em todos os partidos e que nós não podemos fazer recortes partidários.

William Bonner:

- Ouvimos isso ontem aqui do candidato do PSDB.

Marina Silva:

- Isso. É, você está dizendo quem está copiando. E que pessoas boas existem em todos os partidos e que, se a gente for olhar para os partidos, fica muito difícil qualquer tipo de diálogo político. Mas a gente tem que olhar para as pessoas, para a trajetória das pessoas. Pegando o caso do jovem, candidato ao governo do estado do Rio Grande do Sul.

William Bonner:

- Ah, mas não vamos particularizar, candidata...

Marina Silva:

- Mas eu não vou desabonar o jovem.

William Bonner:

- Não é isso.

Marina Silva:

- Eu estou dizendo que ele é uma pessoa de bem. Se você for para o Amapá, qual é a denúncia de corrupção contra o candidato? Não tem.

William Bonner:

- Não se trata disso. Não se trata disso.

Marina Silva:

- Não é com partidos, Bonner, é que...

William Bonner:

- É que a senhora fundou um partido...

Marina Silva:

- Eu fundei um partido...

William Bonner:

- Exatamente para se diferenciar. Era esse o discurso.

Marina Silva:

- Mas esse é o diferencial.

William Bonner:

- Para se diferenciar daquela salada de partidos, aquela bagunça.

Marina Silva:

- Isso.

William Bonner:

- Mas aí chega numa eleição como essa...

Marina Silva:

- Não, não, mas o recorte não é partidário.

William Bonner:

- Mas a Rede está mergulhada nisso, agora.

Marina Silva:

- Não está, não está, Bonner, não está. Pelo contrário, nós criamos um partido, já dizendo desde o início: "Não vamos sacralizar partidos". Pessoas boas têm em todos os partidos. E se eu ganhar, eu vou governar com os melhores de todos os partidos. Esse é um discurso que eu falo desde 2010.

Renata Vasconcellos:

- Eu estou aproveitando esse seu...

Marina Silva:

- E conversei com essas pessoas e elas não desabonam a nossa aliança, ela é programática, baseada em trajetórias de vidas. E a Rede é um partido pequeno. É engraçado que as pessoas cobram numa hora: “Mas a senhora não tem alianças, não tem coligação”. Quando eu faço alianças com aqueles que sobraram dessa miscelânea de corrupção, aí as pessoas me atiram em rosto.

Neste trecho pode ser percebida uma tentativa de deslegitimar o objetivo por trás da criação da Rede Sustentabilidade, de se diferenciar dos demais partidos, através dos questionamentos feitos por William Bonner sobre as coligações estaduais que o partido de Marina participa, destacando as com o PT, PSDB e os partidos do “centrão” (denominação atribuída a partidos que não estão nem à direita, nem à esquerda no Legislativo), os quais foram anteriormente criticados pela ambientalista. E a candidata defende que essas coligações não anulam o propósito da Rede, por ser esse o seu diferencial, a possibilidade de governar com os melhores de todos os partidos, considerando como critério a trajetória e o caráter dos candidatos e políticos eleitos ao invés da sigla que representa. Marina explica os motivos que levaram a essas coligações usando como exemplo o apoio ao candidato ao governo do Rio Grande do Sul pelo PSDB Eduardo Leite - posteriormente eleito - e é acusada por Bonner de estar particularizando a questão. O editor-chefe do telejornal insiste no tópico de que a Rede está mergulhada numa mistura de partidos, dos quais queria se diferenciar, interrompendo a ex-senadora duas vezes, mas a candidata segue defendendo a necessidade que sentiu de formar alianças.

Renata Vasconcellos indaga Marina sobre sua saída do Partido Verde e o fato de agora concorrer às eleições com um candidato a vice-presidente do partido mostrar incoerência. A ex-senadora afirma que continua coerente, nunca teve divergências com Eduardo Jorge e que em termos programáticos há semelhanças entre os dois partidos. Renata questiona se o restante do partido não viria junto com o vice e, durante a explicação da ambientalista, tenta a interromper, mas a candidata segue defendendo que a aliança foi feita pela questão programática, e que não poderia impor a cultura partidária da Rede para outros partidos.

Em seguida a jornalista pergunta sobre suas estratégias para conquistar os votos da bancada ruralista, que vem crescendo no Congresso:

Renata Vasconcellos:

- Candidata, para a gente conseguir então ir adiante, abordar outros temas. A bancada ruralista tem crescido no Congresso. Inclusive, cientistas políticos têm dito que ano que vem ela vai ser ainda maior. Como é que a

senhora acha que seria possível conquistar votos desses parlamentares para o seu programa ambiental?

Marina Silva:

- Discutindo com eles em termos programáticos.

Renata Vasconcellos:

- Mas é uma bancada ruralista. Não são poucos os que temem e os que acreditam que o seu programa prejudica o agronegócio, que é tão importante para a economia do país.

Marina Silva:

- É que tem muita gente que trata o agronegócio como se ele fosse homogêneo, e não é. Hoje tem muita gente que já está fazendo o dever de casa, tem muita gente que quer fazer. Eu estive ontem lá no encontro da Confederação Nacional da Agricultura e fui muito bem recebida pelas minhas teses, pelas minhas ideias de uma agricultura de baixo carbono, de financiar, cada vez mais, a agricultura ABC, que introduz novas tecnologias para evitar...

Renata Vasconcellos:

- Mas sobre essas críticas que existem em número grande de parlamentares dentro da bancada ruralista que é uma.... É um fato, né? Inclusive deve ser ainda maior no Congresso ano que vem. O que que a senhora tem a dizer sobre isso?

Marina Silva:

- Olha, eu fui ministra do Meio Ambiente e dialogava com todos os partidos e com todas as bancadas.

William Bonner:

- Mas havia críticas à lentidão de licenciamento ambiental na sua gestão.

Marina Silva:

- Não é verdade Bonner, não é verdade. Essa crítica...

William Bonner:

- Candidata, a senhora foi advertida inclusive pelo então presidente Lula. A senhora foi admoestada.

Marina Silva:

- Advertida? Admoestada? Bem, isso faz parte da lenda e do processo de desconstrução. Eu, quando entrei no Ministério do Meio Ambiente, tinham mais de 40 hidrelétricas que não tinham licenças. Aquilo que foi competência do Ibama, nós limpamos a pauta e o que não dava para fazer nós dissemos claramente aos empreendedores: “Não dá para fazer”. Como foi o caso de Tijuco Alto. Você quer saber de uma coisa? As licenças mais difíceis foram na minha gestão.

William Bonner:

- A senhora não tem autocritica. Não, eu digo especificamente à sua gestão nesse período do governo Lula, porque se a senhora disser: “Não, eu fiz o que era para ser feito”, é um recado que a senhora está dando para parte do eleitorado de dizer o seguinte: Olha, aquelas pessoas que querem que o licenciamento ambiental seja feito para proteger o meio ambiente, mas que seja feito com mais celeridade, para respeitar também a urgência da necessidade de geração de empregos com esses investimentos, nessas obras todas...

Marina Silva:

- Mas isso foi feito Bonner, isso foi feito. Olha...

William Bonner:

- A senhora... é o recado que a senhora dá. A senhora ficou satisfeita com aquele ritmo que a senhora imprimiu ao licenciamento ambiental....

Marina Silva:

- É que as pessoas ficam falando de algo que, não é o seu caso, é claro, que elas não conhecem. A hidrelétrica de Santo Antônio Jirau foi dada durante a minha gestão, um dos licenciamentos mais difíceis. Agora vamos a outro mais difícil ainda, que estavam tentando licenciar desde o Império: a transposição do Rio São Francisco, a BR-163. Você sabe por que foi feito? Porque tinha capacidade técnica, uma equipe que tinha condições de passar para a opinião pública a certeza de que aquilo não estava sendo feito por encomenda. Eu fui ministra durante cinco anos e meio e nunca ninguém me fez pressão para que eu desse uma licença que não tivesse base técnica. Tudo que nós fizemos foi de acordo com a lei. Agora, se você me disser: “Marina, você acha que você tinha a estrutura adequada?”. Eu vou te dizer que não. E por que não tínhamos? Porque, infelizmente, é uma visão de que investir na Diretoria de Licenciamento, investir na Diretoria de Combate a Crimes Ambientais...

William Bonner:

- O seu tempo está acabando, candidata...

Marina Silva:

- Isso é algo que eles encaram como custeio, e não é. Eu vou ser presidente do Brasil.

William Bonner:

- Então...

Marina Silva:

- E vou mostrar que é possível integrar meio ambiente e ecologia, criar um novo ciclo de prosperidade.

Esse terceiro trecho destacado mostra uma tentativa de desqualificar a gestão de Marina como ministra do Meio Ambiente, pois quando a candidata se refere a época em que ocupava o ministério como período em que conseguia dialogar com a bancada ruralista, Bonner argumenta que a ambientalista recebeu críticas sobre o atraso do licenciamento ambiental, mudando o assunto dessa parte da entrevista de bancada ruralista para a gestão da candidata como ministra do Meio Ambiente. A ex-senadora nega as críticas, e explica problemas que enfrentou durante sua gestão como forma de justificar o ritmo de trabalho no licenciamento ambiental. O jornalista a interrompe três vezes apenas nessa parte da conversa e a acusa de não ter autocrítica sobre sua atuação durante o governo Lula, além de avisar que o tempo de Marina está acabando.

A entrevista chega ao encerramento, com Bonner avisando que o tempo da ex-ministra acabou e que agora ela teria um minuto para mandar uma mensagem final aos eleitores dizendo qual o Brasil ela quer para o futuro. Em seu discurso, Marina defende que quer um país onde ninguém sofra com o desemprego, afirma que muitos não acreditam em sua capacidade para a presidência por ser uma mulher negra de origem humilde, mas que ela possui uma trajetória comprometida em construir um Brasil bom e justo para todos e finaliza declarando seu compromisso em tornar o Brasil economicamente próspero, socialmente justo e ambientalmente sustentável caso seja eleita.

C) Comentários

A partir da descrição dessa entrevista é percebido que os jornalistas basearam suas perguntas em assuntos que colocariam em dúvida as capacidades de Marina Silva como gestora. A ambientalista respondeu as questões na maioria das vezes de forma prolixa, além de recuperar argumentos ao ser questionada novamente por Renata e Bonner, o que impossibilitou que fossem discutidos outros temas além desses. A candidata manteve uma postura tranquila durante a conversa, sem tentar deslegitimar os jornalistas - diferente de Bolsonaro, como visto anteriormente, ao passo que eles tentaram causar impactos negativos em sua imagem pública, como ao mencionarem o desejo de Marina em debater questões com a população como uma falta de firmeza em suas posições, ao citarem as coligações estaduais da Rede Sustentabilidade como uma forma de se misturar com partidos os quais a ex-senadora criticou, e caracterizarem a sua gestão como ministra do Meio Ambiente como um período de atrasos no licenciamento ambiental. Estes três exemplos estão melhor explicados nos trechos descritos neste subcapítulo, por compreenderem os mais evidentes posicionamentos dos jornalistas em relação à candidata. Nessa entrevista, foram abordados apenas temas de interesse público político, diferente da conversa com Bolsonaro onde apareceram assuntos das três classificações - vitais, sensíveis e políticos²⁰ -. Houve muitas interrupções vindas dos jornalistas, principalmente alertando sobre o tempo que faltava encerrar o debate.

²⁰ Ver em 3.2.

4.3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Esse subcapítulo trata das comparações entre as duas entrevistas, no que se refere aos temas abordados e as estratégias presentes nas relações entre entrevistador e entrevistado durante cada diálogo.

4.3.1 Comparação entre os temas das entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no Jornal Nacional

Nesta etapa da análise serão identificados os assuntos abordados em cada uma das entrevistas realizadas no Jornal Nacional, organizados em tabelas e acompanhados por comentários relacionando-os com definições relacionadas ao telejornalismo e à comunicação política. Esta etapa utiliza a divisão de temas de interesse público apresentada por Weber (2017), em temas sensíveis, vitais e políticos.²¹ A partir disso, serão classificados e comparados os assuntos das entrevistas no Jornal Nacional:

Programa	Jornal Nacional	
Candidato	Jair Bolsonaro (28/08/2018)	Marina Silva (30/08/2018)
Temas	<ul style="list-style-type: none">- O “novo” na política- Auxílio moradia- Paulo Guedes como Ministro da Economia- Desigualdade salarial de gênero- Direitos trabalhistas- PEC dos domésticos- Homofobia- Segurança pública- Declarações de seu vice	<ul style="list-style-type: none">- Criação do partido Rede Sustentabilidade- Reforma da Previdência- Corrupção- Coligações estaduais- Saída do Partido Verde- Conquistar votos da bancada ruralista- Período como ministra do Meio Ambiente

No debate com Jair Bolsonaro, os nove assuntos tratados se enquadram nas três classificações, com predomínio de temas políticos - o “novo” na política, auxílio moradia, Paulo Guedes como Ministro da Economia e as declarações de seu vice - e vitais - desigualdade salarial de gênero, direitos trabalhistas, PEC dos domésticos e segurança pública -, que aparecem em quatro

²¹ Ver em 3.2.

deles. Foram identificados dois assuntos de temática sensível, sendo eles homofobia e desigualdade salarial de gênero, no qual o último se enquadra também como vital, por tratar de uma questão essencial ao mesmo tempo que faz um recorte social. Já com a ex-senadora, foram abordados sete assuntos do espectro político, sendo eles a criação do partido Rede Sustentabilidade, reforma da previdência, corrupção, coligações estaduais, sua saída do Partido Verde, estratégias para conquistar votos da bancada ruralista, e o período em que foi Ministra do Meio Ambiente.

Deste modo, através da diferença entre os temas de interesse público abordados nas duas entrevistas, é possível perceber que na conversa com Jair Bolsonaro os assuntos escolhidos pelos jornalistas já o apontavam como possível presidente do país - como “direitos trabalhistas” e “segurança pública”, questões que entram em contato direto com a população -. Na entrevista com Marina Silva, William Bonner e Renata Vasconcellos a trataram como uma candidata que está tentando criar um partido e defender posicionamentos, o que visto pelos temas de sua entrevista não possuem tanto contato com as demandas dos espectadores e sim estarem em torno da sua trajetória política, como os temas “criação da Rede Sustentabilidade” e “coligações estaduais”.

4.3.2 Comparação do desenvolvimento e das estratégias utilizadas nas entrevistas

Neste subcapítulo será realizada a comparação das entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no Jornal Nacional, no que diz respeito ao desenvolvimento de cada uma delas e das estratégias utilizadas por jornalistas e candidatos, nas disputas de opinião e imagem geradas pela relação de entrevistador e entrevistado durante os diálogos. Para isso, serão retomados alguns tópicos já abordados neste trabalho, para uma análise mais reflexiva.

Na questão dos aspectos não verbais presentes nas entrevistas, as vestimentas dos candidatos e dos jornalistas mantiveram um padrão que reforçava a seriedade daquele momento, com a diferença de que Marina trouxe em seu visual elementos que simbolizam a sua fé e contato com a natureza, com o colar de sementes e os cabelos presos em um coque. Já em Bolsonaro as roupas não possuem elementos com outros significados, no entanto o candidato entrou com o livro *Aparelho Sexual e Cia.* em mãos, obra que ele algumas vezes relacionou com o suposto Kit Gay aprovado pelo MEC para ser enviado para as escolas, argumento utilizado como tentativa de rebater críticas feitas a declarações feitas por ele de cunho homofóbico.

Quanto às estratégias discursivas presentes nas entrevistas, pode ser percebido que William Bonner e Renata Vasconcellos utilizaram abordagens diferentes para as conversas com Marina e Bolsonaro, como visto na divisão dos assuntos tratados em cada uma delas feita no subcapítulo anterior. Durante o diálogo com o candidato do PSL a maior parte das perguntas foi baseada em declarações suas e de seu vice. Com a presidenciável pela Rede Sustentabilidade houve um maior questionamento sobre sua desenvoltura como gestora pública, além da maior parte das perguntas terem sido feitas por Bonner. Com isso, é verificado que na entrevista com o ex-militar o objetivo dos jornalistas foi retomar questões polêmicas ditas por ele ou que o envolvem; e já na edição do programa que contou com a presença da ambientalista, os jornalistas centralizaram seus questionamentos e contra-argumentos em maneiras de enfraquecer suas características políticas.

No que tange ao desenvolvimento das entrevistas, vale ressaltar as interrupções realizadas pelos jornalistas, divididas na tabela abaixo e avaliadas de maneira quantitativa e qualitativa:

Interrupções realizadas por Renata Vasconcellos e William Bonner nas entrevistas do Jornal Nacional		
Candidatos	Interrupções incisivas	Interrupções totais
Jair Bolsonaro	11	20
Marina Silva	9	19

Como destacado na tabela acima, foram realizadas pelos jornalistas do programa 20 interrupções na entrevista com Jair Bolsonaro - sendo 11 delas incisivas, com o objetivo de avaliar suas respostas ou indagar sobre uma característica mais específica questionada -, e 19 interrupções na conversa com Marina Silva - sendo 9 delas incisivas, com a função de desqualificar seus argumentos ou adicionar uma informação que fosse oposta ao que está sendo dito pela candidata.

A principal diferença entre as interrupções realizadas nas entrevistas com os dois candidatos é que na conversa com o político Bolsonaro elas foram utilizadas na maioria das vezes como conclusões dos jornalistas sobre suas respostas. Já na entrevista da candidata Marina as interrupções vistas permearam majoritariamente a intenção de desqualificar seus argumentos e para salientar a preocupação com o tempo de duração da conversa.

No que diz respeito às interrupções incisivas feitas no diálogo com o ex-militar, destacam-se as quatro interrupções realizadas quando foi abordado o tema “Desigualdade salarial de gênero”,

onde os jornalistas chegaram a afirmar que ele não faria nada sobre o assunto, além de Renata Vasconcellos responder sua suposição de que ela receberia um salário menor que o de William Bonner.

Enquanto que na entrevista com a ex-senadora do Acre, as principais interrupções incisivas foram realizadas quando a conversa entrou na temática “Reforma da Previdência”, onde Renata realiza três interrupções seguidas para tentar extrair detalhes mais específicos sobre a proposta da candidata, e depois a jornalista mobiliza o verbo "debater", dito inicialmente por Marina Silva, em repetição, acentuando um caráter exagerado da intervenção da jornalista. Além disso, na entrevista com a candidata pela Rede Sustentabilidade fica mais evidentes intervenções motivadas pela preocupação com o limite de tempo disponibilizado aos presidencialistas pelo programa para as entrevistas, que totalizam cinco, o que parece ser motivado pela ambientalista responder alguns questionamentos de forma prolixa.

Quanto aos afetos mobilizados durante as entrevistas, foi verificado que na entrevista com Marina Silva esse elemento apareceu na utilização de valores pessoais em algumas justificativas da candidata. Um exemplo disso ocorre quando ela foi questionada sobre as coligações estaduais em que seu partido participa, onde a ambientalista não cita dados ou pesquisas como motivo de escolha para as alianças feitas pela Rede Sustentabilidade, mas sim a confiança que Marina tem nas trajetórias individuais dos candidatos.

Já na conversa com Jair Bolsonaro, é identificada a mobilização de afetos quando o candidato justifica declarações homofóbicas feitas por ele nos últimos anos pela sua preocupação com a educação de crianças. Para isso, não existem dados que comprovem o seu argumento, o que demonstra ser um discurso opinativo baseado em seus valores pessoais, o que se relaciona com o envolvimento em polêmicas e as acusações de homofobia ao longo da trajetória política do candidato. Ele utiliza também afirmações verificadas como falsas para falar sobre o tema, como tentativa de legitimar sua opinião.

7 - Imagens da entrevista de Jair Bolsonaro no Jornal Nacional



Os dois candidatos demonstraram nervosismo durante as entrevistas: Marina em algumas situações em que tentava explicar novamente o seu ponto de vista sobre a pergunta realizada pelos jornalistas por conta de um comentário ou interrupção que a fizesse pensar que não estava sendo compreendida por eles; já Bolsonaro demonstrou nervosismo principalmente quando foi questionado sobre os temas auxílio moradia, direitos trabalhistas e homofobia. A fundadora do Rede Sustentabilidade evidenciou esse aspecto falando um pouco mais rápido e gesticulando poucas vezes. Já o presidente eleito pelo PSL, quando estava nervoso realizou gestos com as mãos e mudou um pouco a entonação de sua voz. Isso indica que Bolsonaro teve mais dificuldade para controlar suas emoções durante a entrevista.

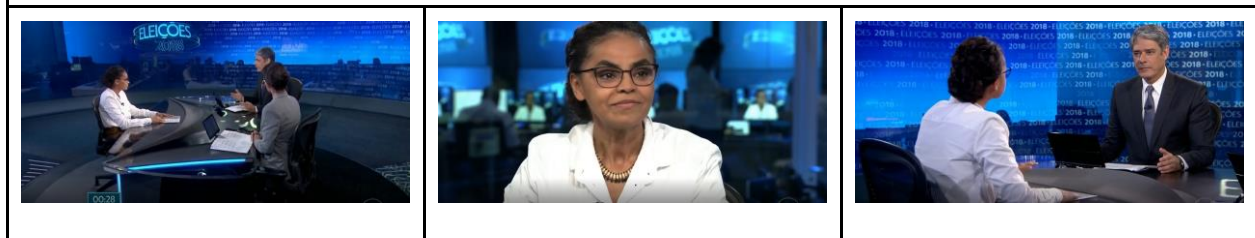
Retomando as definições de Weber (2004) sobre imagem pública, pode ser percebido que nas duas entrevistas do Jornal Nacional as estratégias que nortearam os questionamentos feitos por William Bonner e Renata Vasconcellos contribuíram para um processo de desconstrução da imagem pública de Jair Bolsonaro e Marina Silva, por haver uma distinção entre a imagem que os candidatos gostariam de transmitir e as percepções causadas durante as conversas. Isso ocorre por conta de posições bem demarcadas pelo programa, evidentes em perguntas, afirmações e comentários feitos pelos jornalistas, o que descaracteriza o telejornal como um espaço isento, mas marca sua função como espelho midiático capaz de provocar “mudanças e adaptações no processo de construção entre a imagem desejada (pela política) e a imagem percebida (pelos espectadores)” (WEBER, 2004, p. 260).

Nesse sentido, nota-se que a intenção de Bolsonaro em ser visto como “novo na política”, como um candidato honesto e sincero, é desconstruída através de perguntas baseadas em declarações suas e de seu vice, interrupções, afirmações de que o presidente eleito estaria desviando do foco da pergunta, indagações sobre seus 27 anos como deputado federal e a abordagem sobre opiniões polêmicas do ex-militar. Dessa maneira, é percebido uma tentativa de mostrar Bolsonaro

como um candidato polêmico e despreparado, através da tática de Renata Vasconcellos e William Bonner de pautarem a entrevista em declarações feitas por ele.

No caso de Marina - que tenta ser vista como candidata preparada para governar o país, diferente dos outros políticos por ter criado um novo partido e defensora de pautas ambientais -, sua imagem é retratada pelos questionamentos feitos pelos jornalistas como alguém sem liderança, despreparada, sem posicionamentos definidos. Isso ocorre por conta da estratégia utilizada por Renata e Bonner de orientar a entrevista de maneira que deslegitima a trajetória política da ambientalista, no que se incluem - além das perguntas - afirmações e interrupções exageradas, onde se destacam as indagações que desconstruem seus posicionamentos, a criação da Rede Sustentabilidade e sua gestão como Ministra do Meio Ambiente.

8 - Imagens da entrevista de Marina Silva no Jornal Nacional



A partir desta análise das disputas de opinião e imagem nas entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no Jornal Nacional, é percebido que as relações entre entrevistador e entrevistado se pautam pouco em propostas eleitorais e destacam a (des) construção de imagens públicas através da passionalidade e de tentativas de persuadir o eleitor, colocando a política em suspensão, como analisado por Weber, Luz & Barreras (2018):

Em períodos eleitorais, a política parece ser colocada em suspensão e reduzida a dispositivos de sustentação do cenário e da disputa entre os candidatos. É um período bem delimitado de acirramento das práticas de comunicação, marketing e propaganda, que permitem traduzir de maneira favorável o candidato, seu partido e seu projeto; dar visibilidade apenas àquilo que os beneficiam; transformar o adversário em inimigo; persuadir e fidelizar o eleitor no tempo da eleição. Trata-se de uma equação complexa, com raízes históricas, e renovada sempre que poderes são disputados. Esta equação aponta uma grave contradição para a democracia, na medida em que é possível eleger um candidato com pouca política e muita passionalidade, como tem demonstrado a experiência de eleições recentes em todo o mundo, nas quais a racionalidade e o debate público podem ser excluídos. (WEBER, LUZ & BARRERAS, 2018, p. 45).

Através da suspensão da política, os jornalistas conduzem as entrevistas para a produção de sentidos sobre os dois presidenciáveis que estivessem de acordo com suas intenções, parecendo que o Jornal Nacional coloca os dois atores políticos como seus inimigos. Além disso, o jornalismo representado pelo telejornal deixa de se comportar como um mediador, buscando se firmar enquanto ator na disputa pela legitimidade da fala, retomando o papel de *Watchdog*, definido por Traquina (2002), como fiscal do poder político.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivos específicos: comparar a abordagem de temas de interesse público nas entrevistas de Marina Silva e Jair Bolsonaro; identificar os temas mencionados nas edições do programa e classificá-los; registrar as interrupções realizadas nas entrevistas; examinar os aspectos dialógicos e a linguagem não-verbal da performance dos jornalistas e presidenciáveis no Jornal Nacional; e descrever o contexto político e as trajetórias de Bolsonaro e Marina.

Nesse sentido, ao comparar a abordagem de temas de interesse público nas entrevistas dos candidatos Jair Bolsonaro e Marina Silva foi verificado que na entrevista da presidenciável do Rede Sustentabilidade foram abordados sete temas de cunho político, sendo eles: a criação do partido Rede Sustentabilidade, reforma da previdência, corrupção, coligações estaduais, sua saída do Partido Verde, estratégias para conquistar votos da bancada ruralista, e o período em que foi Ministra do Meio Ambiente. Pela seleção dos temas realizada pelo Jornal Nacional para essa conversa, é identificado que os jornalistas trataram a ambientalista como alguém que está criando um partido e desenvolvendo propostas, além de William Bonner e Renata Vasconcelos deslegitimarem suas propostas e desconstruírem sua imagem, realizando críticas, afirmações e interrupções durante suas respostas.

Já com o atual presidente, a conversa tratou sobre os seguintes temas: o “novo” na política, auxílio moradia, Paulo Guedes como Ministro da Economia, declarações de seu vice, desigualdade salarial de gênero, direitos trabalhistas, PEC dos domésticos, segurança pública e homofobia. Com isso, é percebido que os assuntos de sua entrevista já o identificavam como possível presidente eleito, por abordarem questões que afetam a população. Os jornalistas do programa também reforçaram sua imagem de figura política polêmica, ao utilizarem como base para seus questionamentos declarações feitas anteriormente pelo candidato e ao estimularem alterações em sua postura.

Quanto ao objetivo da classificação dos temas de interesse público através da divisão feita por Weber (2017), foi retomado o entendimento de que a categoria de temas sensíveis é relacionada a questões comportamentais e discriminatórias, o espectro vital aborda assuntos que afetam a população diretamente, e os temas ditos políticos compreendem questões governamentais. Dessa maneira, é analisado que entre os nove assuntos abordados na entrevista com o candidato do PSL: quatro foram classificados como temas de interesse público políticos, quatro como temas vitais e

dois temas sensíveis, sendo essa categorização detalhada no subcapítulo 4.3.1. Já os assuntos vistos na conversa com a ex-senadora Marina versam a temática política. É percebido que houve um número maior de temas abordados na entrevista do presidente Bolsonaro em comparação com a realizada com a ambientalista, e isso é motivado pela maneira prolixa da candidata Marina ao responder as perguntas, enquanto que nas argumentações do ex-militar era visto muitas vezes um desvio do foco do que lhe foi perguntado.

A partir do registro das interrupções realizadas pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos nas duas entrevistas, é identificado que foram realizadas 20 interrupções ao ex-militar e 19 à ex-ministra do Meio Ambiente, o que não representa uma grande diferença numérica. A distinção mais relevante está no conteúdo dessas interrupções: enquanto que na conversa com o ator político Bolsonaro elas foram utilizadas na maioria das vezes como conclusões dos jornalistas sobre suas respostas, as interrupções vistas na entrevista da candidata Marina permearam majoritariamente a intenção de desqualificar seus argumentos e para salientar a preocupação com o tempo de duração da conversa.

As interrupções nas duas entrevistas compõem um dos principais elementos de identificação das estratégias dos jornalistas do Jornal Nacional, onde se torna visível a disputa pela legitimidade das informações. Além disso, William Bonner e Renata Vasconcellos demonstram uma superioridade na relação entre entrevistador e entrevistado pela notoriedade do programa como referência em jornalismo no país, o que faz com que suas afirmações tenham mais credibilidade para o público. Dessa forma, atitudes que comprometam a isenção de Renata e Bonner nas entrevistas podem passar despercebidas pela posição que eles ocupam na formação da opinião pública.

Ao ser examinada a linguagem não-verbal da performance dos jornalistas e presidentes no Jornal Nacional, é identificado que as vestimentas dos participantes das entrevistas ajudam a compor o caráter de seriedade desses momentos, além do cenário permitir uma abrangência de planos para a captação da conversa. Na entrevista com o candidato Bolsonaro a linguagem não-verbal se destaca pela tensão entre ele e os jornalistas que ocorre quando ele mostra parte do conteúdo do livro *Aparelho Sexual e Cia.*, desrespeitando uma regra combinada antes da sua aparição no programa, além de englobar as gesticulações do ator político quando fala, que sinalizam o seu nervosismo.

Já na entrevista com a candidata Marina Silva, são identificadas poucas gesticulações, utilizadas em conformidade com suas afirmações. A ambientalista responde os questionamentos de maneira tranquila, sem alterações do tom de voz. Suas vestimentas também traduzem essa serenidade e mostram uma mudança em seu visual em comparação com as eleições anteriores, com a utilização de roupas mais modernas, sem deixar de lado elementos que caracterizam a sua religiosidade, como o seu tradicional coque e um colar de sementes.

Quanto aos aspectos dialógicos, é concluído que há uma maior disputa pelo controle da narrativa das entrevistas naquela que contou com a presença do presidente eleito Jair Bolsonaro, por ele tensionar a notoriedade do Jornal Nacional ao agir contra uma regra combinada entre os produtores do programa e seus assessores, ao mencionar uma declaração de Roberto Marinho em apoio à Ditadura Militar que o país viveu de 1964 a 1985 e não respondendo exatamente o que os jornalistas questionaram. A ex-senadora Marina Silva assume uma posição conciliadora, explicando ou tentando explicar o seu ponto de vista sobre os assuntos levantados por William Bonner e Renata Vasconcellos, sem criar tensões com os âncoras do telejornal.

No que se refere ao objetivo de descrever o contexto político e as trajetórias dos candidatos Jair Bolsonaro e Marina Silva, foi realizado um esforço de recuperar acontecimentos importantes para a compreensão do período das eleições presidenciais de 2018 e retomar características que auxiliam a construção da imagem dos dois atores políticos. Para isso, foram utilizados como base trabalhos acadêmicos - como a dissertação de mestrado *Redes de atores e argumentos no debate público sobre o afastamento provisório de Dilma Rousseff*, de Andrade (2019) -, verbetes do site *Wikipédia* e reportagens publicadas. Além disso, foram mobilizados conceitos sobre *acontecimento* e *imagem pública* para dar maior inteligibilidade ao trabalho e não limitar esse processo a algo meramente descritivo.

Através dessa reconstituição, é possível entender quem são esses candidatos e como suas ações colaboraram com os jornalistas do Jornal Nacional na escolha de temas para as perguntas feitas a cada um nas entrevistas. Por meio dessa descrição, foi possível apresentar as principais distinções entre os presidenciáveis Jair Bolsonaro e Marina Silva.

Por fim, o objetivo geral deste trabalho é analisar as disputas de opinião e imagem nas entrevistas de Jair Bolsonaro e Marina Silva no telejornal Jornal Nacional durante o período eleitoral de 2018. Para isso, as duas entrevistas foram descritas de maneira analítica, seguidas pela identificação dos objetivos que conduziram os jornalistas nas conversas: na entrevista com o

candidato Jair Bolsonaro, William Bonner e Renata Vasconcellos selecionaram suas questões com a intenção de reforçar sua imagem como um político polêmico e exaltado; e já na entrevista com a presidenciável Marina Silva, as perguntas pareciam ter o objetivo de desqualificar sua imagem como gestora.

Nesse sentido, foi verificado que nas duas entrevistas houve uma menor discussão sobre propostas efetivas para o país nos planos de governo dos candidatos Marina Silva e Jair Bolsonaro. Além disso, o jornalismo - aqui representado pelo principal telejornal brasileiro - deixa de ser apenas um mediador, buscando se firmar enquanto ator na disputa pela legitimidade da fala, retomando o papel de *Watchdog* - definido por Traquina (2002) - como fiscal do poder político, e redimensiona a tradição do campo em ditar “como as coisas devem ser”. Dessa forma, os jornalistas conduzem as entrevistas para a produção de sentidos sobre os dois presidenciáveis que estivessem de acordo com suas intenções, contribuindo para a suspensão da política, parecendo que o Jornal Nacional coloca os dois atores políticos como seus inimigos.

Essa suspensão permite que um candidato com poucas propostas políticas claras e muita passionalidade seja eleito. Em concordância com esse aspecto, o presidente Jair Bolsonaro é eleito nas eleições de 2018, através da mobilização da passionalidade de parte do eleitoral que se via indignado com a crise política e representado por suas opiniões polêmicas e ofensivas. O atentado sofrido por ele em 6 de setembro de 2018 lhe deu mais visibilidade, e o impediu de participar de entrevistas e debates políticos após essa data. Dessa forma, a racionalidade e o debate público parecem ter perdido forças no processo eleitoral.

6. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Bruna Santos de Almeida. **Redes de atores e argumentos no debate público sobre o afastamento provisório de Dilma Rousseff (12/05/2016)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). 2019. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

BECKER, Camila; CESAR, Camila Moreira; GALLAS, Débora; WEBER, Maria Helena. **Manifestações e votos ao impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros**. *Alaic – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 13, nº24, p. 96-113, 2016. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/736>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. *Galaxia (São Paulo, Online)*, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/12939/9406>>. Acesso em: 2 jun. 2019.

HAGEN, Sean. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional**. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2009.

MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. **Princípios editoriais do Grupo Globo**. *Jornal O Globo*, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2019.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil; MONT'ALVERNE, Camila; MITOZO, Isabele Batista. **A empresa jornalística como ator político**: Um estudo quanti-qualitativo sobre o impeachment de Dilma Rousseff nos editoriais de Folha e Estadão. OBS, Lisboa, v. 12, n. 3, p. 224-245, set. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164659542018000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos**: teoria e prática. Blumenau: Edifurb, 2012.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MIGUEL, Luis Felipe. **A eleição visível**: a Rede Globo descobre a política em 2002. Dados, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 289-310, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n2/a04v46n2.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. **Mídia e eleições**: a campanha de 1998 na Rede Globo. Dados, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, 1999. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7081/1/ARTIGO_MidiaEleicoes.pdf>. Acesso em 20 abr. 2019.

PASSOS, Mariana Rezende dos; BAPTISTA, Érica Anita. **Impeachment versus golpe**: a disputa de narrativas no contexto político brasileiro de 2016. Revista Eptic, Sergipe, v. 20, n. 2, p.103-124, mai-ago 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/9619>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PEREIRA, Fabio Henrique. **A entrevista no jornalismo brasileiro:** uma revisão de estudos. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 14 Nº 2. Julho a Dezembro de 2017 - ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p139/35862>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

REGINATTO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo:** o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

RIZZOTTO, Carla; PRUDENCIO, Kelly; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Tudo normal:** a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. C&S – São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 111-130, set. /dez. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7843>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

SANTOS, Rogério; PEREIRA, Gonçalo. Entrevista a Michael Schudson. Revista Comunicação & Cultura, n.º 5, 2008, p. 173-179. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10402/1/05_09_Entrevista_a_Michael_Schudson.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2019.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia:** uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; BERGER, Christa; VAZ, Paulo Bernardo. **Um golpe anunciado:** Lula, Dilma e o discurso pró-impeachment na revista Veja. Revista Pauta Geral-estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol. 3, n. 2, p.20 -44, Jul/Dez 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9174>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculos da política.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

WEBER, Maria Helena. **Imagem pública**. In: ALBINO, Antônio; RUBIM, Canelas. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

WEBER, Maria Helena. Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade. In: WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos. **Comunicação pública e política – pesquisas e prática**. Florianópolis: Insular, 2017.

WEBER, Maria Helena; LUZ, Ana Javes; BARRERAS, Sandra Bitencourt. **Equação da política provisória: A comunicação na disputa de afetos e votos**. Revista compolítica 2018, vol. 8(2). Disponível em: <<http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/187>>. Acesso em: 5 mai. 2019.